

Demócrito e Epicuro na Tese Doutoral (1841) de Marx **[Democritus and Epicurus in Marx's Doctoral Thesis (1841)]**

Marcos Roberto DAMÁSIO

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

E-mail: marcosdamasioufc@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como principal intenção apresentar a leitura de Marx do atomismo antigo, em sua Tese Doutoral, *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro*, de 1841. Analisaremos as diversas diferenças entre os dois mais influentes pensadores dessa corrente filosófica, tanto na perspectiva de Marx, como na perspectiva das fontes utilizadas por ele. Embora ambos os filósofos estejam inseridos em uma mesma tradição de pensamento, eles sustentam doutrinas diferentes em diversos aspectos, por exemplo, a *noção de peso*, a *declinação da linha reta* e a *teoria dos meteoros*. Nossa exposição segue a mesma elaborada por Marx na redação de sua Tese, ou seja, serão analisadas primeiramente as *diferenças gerais*, isto é, acerca da natureza de ambas as pesquisas e suas relações com a realidade e o conhecimento, para em seguida analisar, de forma mais detalhada, as *diferenças específicas*, aquelas que enaltecem a filosofia de Epicuro sobre dois aspectos fundamentais, a saber, que sua teoria dos átomos não é mera repetição da teoria de Demócrito, com uma imensa parte da tradição o acusou, e que a “autoconsciência individual-abstrata” (*abstrakt-einzelne Selbstbewußtsein*) é seu verdadeiro princípio.

Palavras-chave

Demócrito. Epicuro. Declinação da linha reta. Peso. Meteoros.

Abstract

This work has as main intention to present the reading of Marx of the old atomism, in his Doctoral Thesis, *Difference between the philosophy of the nature of Demócrito and Epicuro*, of 1841. We will analyze the diverse differences between the two most influential thinkers of this philosophical current, the perspective of the sources used by him. Although both philosophers are embedded in the same tradition of thought, they hold different doctrines in various respects, for example, the *notion of weight*, the *declination of the straight line*, and the theory of meteors. Our exposition follows the same one elaborated by Marx in the writing of his Thesis, that is, first the *general differences*, that is, the nature of both researches and their relations with reality and knowledge, will be analyzed first, the *specific differences*, those which extol Epicurus' philosophy on two fundamental aspects, namely that his theory of atoms is not merely a repetition of Democritus' theory, with an immense part of the tradition accusing him, and that the “individual-abstract self-consciousness” (*abstrakt-einzelne Selbstbewußtsein*) is its true principle.

Keywords

Democritus. Epicurus. Decline of the straight line. Weight. Meteors.



1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa para o doutorado permitiu ao jovem Marx, ao estudando os pensadores gregos, observar a filosofia predominante do seu tempo, o que o fez constatar a urgente necessidade de mudanças na perspectiva da pesquisa histórica. É com a pesquisa para a *Tese* que Marx chega a reconhecer, segundo Gabaude, três posições filosóficas centrais para sua investigação, a saber: “o materialismo mecanicista e necessário de Demócrito, o sistema de Hegel e a filosofia da consciência de si ou do homem de Epicuro e dos jovens hegelianos” (GABAUDE, 1970, p. 25). A escolha pela consciência de si, marcada pela filosofia de Epicuro, faz preferência, como mostra em sua *Tese*, pela liberdade do homem que rompe, encontrando em Demócrito sua antítese, com uma leitura mecanicista da história. Além do mais, é importante ressaltar, que o *sensismo* de Epicuro, isto é, a tomada da percepção sensível (αἴσθησις) como “critério da verdade” (κριτήρια τῆς ἀληθείας, Diog. Laert., X, 31), servirá como o ponto de partida para o materialismo de Marx, o qual se oporá ao idealismo absoluto de Hegel. Mas não só isso, também caracterizou o fundamento do empirismo inglês desde Bacon como o “verdadeiro antepassado do materialismo inglês” (KARL, 2003, p. 192), notadamente na filosofia de Hobbes. Sem esquecer também, do materialismo francês largamente propagado por Gassendi¹, “o grande fator do estudo da doutrina de Epicuro” (SPINELLI, 2011, p. 102).

O atomismo antigo, o qual Marx esboça em sua *Tese* o devido conhecimento, surge no século 5 a. C. em Abdera na Trácia com Leucipo² e Demócrito e configura-se de forma direta como a “terceira e mais ambiciosa resposta ao desafio eleático” (MCKIRAHAN, 2013, p. 499), ou seja, buscam responder àquela proposta epistemológica levantada por Parmênides, isto é, a doutrina do “ser” (εἶναι). Também constitui, seguida pela escola de Mileto, uma escola filosófica de caráter *sensista*, mas que não se furta à análise metafísica. Também denominados de ‘neojônios’, devido à continuação que dão à tradição

¹ Não é sem sentido que Pierre Gassendi e Galileu Galilei incluíam em suas pretensões filosóficas “reautorizar” a filosofia de Epicuro, reivindicando a substituição do aristotelismo-tomista pelo epicurismo

² Epicuro claramente rejeita uma eventual influência de Leucipo, pelo contrário, como afirma Diógenes Laércio “segundo Epícurus e Hêrmacos, o filósofo Lêucipos não teria existido” (Diog. Laert. X, 13). Todavia, é possível que tal rejeição a Leucipo, dê-se não ao sujeito histórico chamado Leucipo, mas sim a alguém digno de se intitular de filósofo. Esta postura é defendida por Kirk e Raven em sua obra *Os Filósofos Pré-Socráticos*: “... tudo o que Epicuro disse foi algo como Λεύκιππον οὐδ’εἰ γεγόνην οἶδα, pretendendo com isso dizer ‘Eu não considero Leucipo digno de discussão’. Por outro lado, é possível que a ênfase se encontre na palavra φιλόσοφον: não houve nenhum filósofo Leucipo (i.e. Leucipo não era um filósofo)” (KIRK; RAVEN; Schofield, 2010, p. 427).



especulativa jônica, os atomistas postulam uma pluralidade de ‘elementos primários’, isto é, os átomos eternos e imutáveis. Estes, por sua vez, movem-se no vazio ou no que tem uma “natureza intangível” (ἀναφή φύσιν) e que ao interagirem mutuamente concebem um ‘arranjo/desarranjo’ de entes perceptíveis a partir dos quais se pode afirmar, como Aristóteles, que “tudo o que aparece aos nossos sentidos é necessariamente verdadeiro” (ARISTÓTELES, *Metafísica*. B, 1009b 13-14). Em outras palavras, portanto, possuem uma natureza real.

Para Marx, entre Demócrito e Epicuro, ambos representantes do atomismo antigo grego, e suas diferentes concepções “naturalistas” (para evitar prematuramente o termo “materialistas”) da realidade, a diferença situa-se, primeiramente, no conceito de “átomo” (ἄτομος), ou seja, para Demócrito, ao contrário de Epicuro, o átomo restringe-se a um elemento (στοιχεῖον) físico, um “substrato material” (*materiellen Substrats*) próprio das aspirações do período naturalista, isto é, que corresponde à busca pelo princípio (ἀρχή) fundamental da *phýsis*, logo, destacando-se, uma preocupação eminentemente cosmológica³. Já Epicuro, aos olhos de Marx, preocupava-se não apenas com o *kósmos*, na perspectiva grega de um *todo ordenado*, ou na busca de um princípio cosmológico fundante como fizeram os naturalistas jônicos, mas seu conceito de átomo estende-se a um conceito formal ou espiritual, o que conduz inevitavelmente à discussão para o âmbito ético⁴ e subjetivo. Por outro lado, Hegel defendia que o atomismo de Epicuro era o mesmo que o de Leucipo e Demócrito⁵, não percebendo em Epicuro uma preocupação com questões da *autoconsciência* humana derivada de um “materialismo” nascente, que arrasta as questões da realidade para as relações entre homem e mundo, isto é, para o âmbito político e físico, o que caracteriza, inicialmente, mesmo ainda em sua forma ingênua, a crítica de Marx ao idealismo de Hegel.

³ Tal afirmação não implica em dizer que não haja um elemento ético-político em Demócrito. Vale salientar que Demócrito é contemporâneo dos sofistas e do próprio Platão, onde a mudança de perspectiva filosófica já havia iniciado, o que nos leva a indagar por que Marx negligenciara esta perspectiva democrítea já presente em seus fragmentos.

⁴ Lucrécio e Cícero já apontavam esta dimensão da filosofia epicurista, sobretudo, na discussão sobre a noção de *clinamen*. Todavia, o *clinamen* não diz respeito à natureza dos princípios e não é uma qualidade natural do átomo, mas é construído como hipótese para explicar a livre vontade humana. Para mais detalhes sobre essa discussão cf: CÍCERO, Marco Túlio. *Sobre o Destino* (bilíngüe). Tradução e Notas: FILHO, José Rodrigues Seabra. São Paulo: Nova Alexandria, 1993 e LUCRÉCIO. *Da Natureza*. Tradução e notas: SILVA, Agostinho da. *Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca, M. Aurélio*. São Paulo: Abril Cultural.

⁵ “Tal é a *metafísica geral* de Epicuro, na qual o átomo também é explicado, embora não de maneira mais precisa do que Leucipo e Demócrito” (HEGEL, 1955 [V.2], p. 385).



Esta mudança de perspectiva, primeiramente encontrada em Epicuro no período helenista, é extremamente importante para a compreensão materialista marxiana no sentido que Marx estende ainda mais esta mudança paradigmática. Uma vez que as mudanças empreendidas por Epicuro, em relação não apenas a Demócrito, mas também os filósofos gregos que o antecede se dá numa esfera muito particular, e ainda insuficiente na visão de Marx, mas, no entanto, crucial, é importante notar, que “o jovem adepto do *Doktorklub* vai mais longe que Epicuro, pois ele se propõe a compreender as relações entre os homens e o mundo na finalidade do agir” (GABAUDE, 1970, p. 22), ou seja, de também transformá-lo⁶. Todavia, esta é, pois, o que marca a diferença entre Epicuro, como um “materialista” antigo, e o jovem Marx estudante do atomismo antigo.

Este *materialismo marxiano*, que se desenvolverá nas obras de maturidade, diferencia-se tanto do “materialismo antigo”, fundamentado, sobretudo na filosofia atomista, e principalmente na filosofia de Epicuro, como também do materialismo feuerbachiano que é, substancialmente, uma recusa à religião cristã racionalista e pós-kantiana sustentada ainda pelos jovens hegelianos. Esta distinção é fortemente marcada na primeira Tese contra Feuerbach⁷:

O defeito fundamental de todo materialismo anterior - inclusive o de Feuerbach - está em que só concebe o objeto, a realidade, o ato sensorial, sob a forma do objeto ou da percepção, mas não como atividade sensorial humana, como prática, não de modo subjetivo. Daí decorre que o lado ativo fosse desenvolvido pelo idealismo, em oposição ao materialismo, mas apenas de modo abstrato, já que o idealismo, naturalmente, não conhece a atividade real, sensorial, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis, realmente diferentes dos objetos de pensamento; mas tampouco concebe a atividade humana como uma atividade objetiva. Por isso, em *A Essência do Cristianismo*, só considera como autenticamente humana a atividade teórica, enquanto a prática somente é concebida e fixada em sua manifestação judia grosseira. Portanto, não compreende a importância da atuação “revolucionária”, prático-crítica (...).

A evidenciação do que é *sensível* e que os órgãos dos sentidos fornecem o real descrevem o *modus operandi* fundamental do princípio das ciências onde há, segundo Demócrito, duas dimensões epistemológicas necessárias, isto é, “uma através dos sentidos e a outra através do intelecto” (τῶν αἰτήσεων τῆς δὲ διὰ τῆς διανοίας)⁸. Todavia, vale

⁶ Cf.: Karl Marx, *XI Tese sobre Feuerbach*: “Os filósofos apenas interpretaram de diversos modos o mundo; o que importa é transformá-lo”.

⁷ As *Teses contra Feuerbach* (*Thesen über Feuerbach*) foram escritas por Marx na primavera de 1845 e somente publicadas pela primeira vez por Engels, no ano de 1888, apenas como um apêndice à edição em livro da sua obra *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Alemã Clássica*. Publicadas segundo a versão de Engels de 1888, em cotejo com a redação original de Marx.

⁸ Sex. Emp., *Adv. Math.* VII, 136; DK 68 B9.



salientar que o procedimento epistemológico dos primeiros filósofos gregos não pode ser pensado a rigor como uma ‘ciência’ (*scientia*) se comparado aos moldes modernos e contemporâneos pós Bacon ou Galileu. Para os gregos não havia uma distinção entre ciência e filosofia, sendo os primeiros filósofos também os primeiros cientistas. Por outro lado, é possível perceber um procedimento distinto entre Demócrito e Epicuro no que tange à investigação da natureza. A ciência moderna desde os séculos XVIII e XIX já dissipara a metafísica de sua constituição e desde o tempo de Kant “tornou-se moda testemunhar-lhe o maior desprezo e a nobre dama [a metafísica], repudiada e desamparada” (KANT, 1989, p. 4). Desde então é posto em evidência a distinção entre ciência, dita moderna ou experimental e filosofia, isto é, metafísica ou ontologia.

Destarte, se na física moderna o átomo é tomado como um objeto de escrutinação científica, isto é, um dado objeto observável e reproduzível em laboratórios especializados, como o acelerador de partículas *Large Hadron Collider* (LHC), em Genebra, e que aos moldes da filosofia de Bacon, propôs o pleno domínio do homem sobre a natureza sob a máxima “saber é poder”⁹. Dirá ele, segundo a qual se deve inquirir a natureza à semelhança de um inquisidor, pois se entende a ciência como uma atividade de decodificação do real. Ora, o mesmo não acontece com a postulação do átomo em sua concepção original, ou seja, como um dado inobservável passível apenas de inferência do universo sensível. Desta forma, portanto, a noção de átomo é pensado por Marx em sua *Tese* como um conceito de razão analisado em seu devido contexto, qual seja, a *filosofia da natureza grega*.

2 A TESE DOUTORAL DE 1841

O que se conhece hoje da *Tese Doutoral (Doktordissertation)* de Karl Heinrich¹⁰ Marx, intitulada, *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro (Über die Differenz der Demokritischen und Epikureischen Naturphilosophie)*, é na verdade um texto incompleto. A *Tese* foi originalmente pensada e dividida em duas partes, a *primeira* versa

⁹ “Com efeito, o poder e o saber em si mesmos engrandecem a natureza humana, mas não a beatificam”. BACON, Francis. *Novum Organum*. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Os Pensadores). Livro II (Aforismos sobre a interpretação da natureza e o reino do homem), XLIX.

¹⁰ Segundo Schneider, na *Nota da Tradução*, para a tradução da Boitempo da *Tese*, citando o biógrafo Michael Heinrich, Marx só assinava “Heinrich” nos tempos de estudante universitário (MARX, 2018 [1841], p. 21).



sobre a *diferença geral* e a *segunda* sobre a *diferença particular* entre as filosofias da natureza democrítea e a epicúrea. Mesmo que ainda boa parte da Tese tenha se perdido, mais precisamente uma parte do Capítulo IV e todo o Capítulo V da Primeira Parte, como também alguns fragmentos do Apêndice, constituem um texto bastante conciso e que enriqueceu a pesquisa epicúrea. Mesmo assim, boa parte de seus postulados, sobre ambos os filósofos, já estão esgotados em obras mais recentes¹¹, as quais procuraremos indicar, tanto na Bibliografia e em notas de pé de página como no corpo do texto.

Marx era um jovem de apenas 21 anos quando iniciou a preparação de sua Tese em 1839, concluindo-a dois anos depois em 1841. A Tese foi endereçada a Carl Friedrich Bachmann, decano da faculdade de filosofia da Universidade de Iena, em 6 de abril de 1841 (SALEM, 1995, p. 1594.). Além do título de doutor em filosofia pela Universidade de Iena, Marx também almejava, além de um lugar de *Dozent* na Universidade de Bonn, onde havia estudado Direito durante um ano¹² antes de ir para Berlin, a ampliação do texto da Tese para uma história da filosofia tendo como foco as escolas helenísticas. Marx também almejava uma disciplina de filosofia naquela Universidade junto ao seu amigo e filósofo Bruno Bauer, propósito que não se concretizou devido a morte de Frederico Guilherme III em 1840 e a perseguição aos hegelianos de esquerda por seu sucessor Frederico Guilherme IV. Ora, com a inviabilidade da carreira de docente em Bonn veio também o abandono do projeto. O texto da Tese, como é conhecida hoje, só veio a ser publicado, postumamente, em 1902 pelo socialista e intelectual alemão Franz Mehring (PESCE, 1981, p. 151) com o título que hoje é conhecido pelos especialistas.

A obtenção do título de doutor com a defesa da Tese e uma possível cátedra em uma universidade europeia, solucionaria significativamente os problemas sociais e financeiros do jovem Marx, pois assim, poderia casar-se com a jovem Jenny von Westphalen, com quem passara sete anos noivo. Portanto, os planos de Marx foram frustrados com a ascensão de Guilherme IV ao poder da Prússia, com a demissão, por

¹¹ É importante lembrar que Marx não dispunha de uma coletânea dos fragmentos de Demócrito como hoje dispomos graças a importante obra de Hermann Diels *Die Fragmente der Vorsokratiker*. No tocante à obra de Epicuro, o livro X de Diógenes Laércio, com as três epístolas e as Máximas, é a fonte principal de Marx. Em 1880 foi extraído por C. Wotke de um manuscrito do século XIV uma coleção de oitenta e um breves ditos intitulada de *Epikouros proshphonesis* (Exortação de Epicuro) ou *Gnomologium vaticanum epicureum*, mais conhecido como *Sentenças Vaticanas* (*Codex Vaticanus* gr. nº 1950). Esses aforismos só foram publicados por completo pela primeira vez em 1888 com o título de *Epikureische Spruchsammlung* em *Wiener Studien*, X, 1888, com notas de Hartel, Usener e Gomperz.

¹² Além de Direito, Marx estudou também História, Filosofia, Arte e Literatura entre os anos de 1835 e 1836, antes de se matricular na Universidade de Berlin em julho de 1836. Ver: KONDER, 1999, p. 10.



questões políticas, de Bruno Bauer da Universidade de Bonn e a contratação para docência de Stahl, um jurista conservador e entusiástico defensor do regime absolutista. Portanto, em 1842, impedido de seguir uma carreira acadêmica tão almejada na Universidade de Bonn, tornou-se editor da Gazeta Renana (*Rheinische Zeitung*), um jornal publicado na cidade de Colônia.

É importante salientar que, para Marx, juntamente com uma *Tese Doutoral* propriamente, suas investigações pretendiam-se a um projeto mais amplo e ambicioso de uma eventual carreira de acadêmico de filosofia, isto é, para além de um texto dissertativo de conclusão de curso, comparando o pensamento de dois filósofos gregos de períodos distintos, era expor “extensamente o ciclo da filosofia epicurista, estoica e cética em conexão com a especulação grega como um todo” (MARX, 2018 [1841], p. 21), ou seja, uma *crítica histórico-filosófica* a qual exalta os sistemas pós-aristotélicos, conservando a escola atomista como o ponto mais alto dessa história. Assim, portanto, expressa Denis Collin: “No espírito do jovem Marx, o pensamento de Demócrito e Epicuro deveria se inscrever em uma história mais ampla da filosofia helenística” (COLLIN, 2006, p. 16) e, sua *Tese* (que nitidamente privilegia a filosofia de Epicuro em detrimento a de Demócrito), é o ponto de partida também para o materialismo marxiano desenvolvido posteriormente. Nas palavras de Motta Pessanha, por exemplo, isto se dá porque Marx pensa os filósofos gregos a partir de premissas “ainda não marxistas” (MARX, 1979 [1841], p. 5), isto é, sem suas pretensões políticas desenvolvidas após 1845. É também o período em que Marx começa a se afastar do idealismo e da influência hegelianas e empreende inicialmente sua própria concepção materialista da realidade, caracterizando, contudo, o início de sua maturidade filosófico-política própria e que o levará, posteriormente, às pesquisas de história e economia. O marco inicial dessa maturidade são os apontamentos que resultaram na *Crítica da filosofia do direito de Hegel (Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie)*, três anos após a apresentação da *Tese*, iniciando assim a inversão da postura idealista hegeliana.

No Prefácio de março de 1841, Marx afirma estar de posse de uma pesquisa inovadora, pois, segundo ele, “quem entende do assunto sabe que não existem trabalhos preparatórios sobre o objeto desse tratado a serem aproveitados” (MARX, 2018 [1841], (Prefácio), p. 21). É de fato um trabalho inovador e que abriria caminhos a diversas pesquisas tanto sobre o período pré-socrático com o atomismo de Leucipo e Demócrito, por exemplo, Zeller e Diels, como o período helenístico, com Epicuro (a obra de Usener é



a obra mais importante desse período), incluindo também as escolas cética, estoica e cínica. Se sua originalidade é verdadeira, no que toca as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro, não é verdade que sua *Tese* tenha sido a única ou mesmo a primeira em seu tempo. O próprio Marx faz menção a uma pesquisa anterior a dele, uma tese defendida por Schaubach¹³, a quem Marx se refere como “o mais ressentido crítico de Epicuro” (MARX, 2018 [1841], p. 73). A tese de Schaubach também foi apresentada na Universidade de Jena dois anos antes, ou seja, no ano em que Marx inicia os *Cadernos de Preparação*, em 1839 e que talvez a tenha influenciado de alguma forma.

Ainda no Prefácio, mas também no decorrer de toda a pesquisa para a *Tese*, Marx faz diversas menções a Hegel e, indiretamente, é possível intuir, embora ele não mencione textualmente, também a Spinoza, Kant¹⁴ e Fichte quando afirma que, ao que toca à crítica a Epicuro, “o que Cícero e Plutarco tagarelaram é papagaiado no mesmo tom até hoje” (MARX, 2018 [1841], (Prefácio), p. 21)¹⁵. Já nos *Cadernos Preparatórios* para a *Tese*, é perceptível o objetivo de Marx em desenvolver uma *filosofia da história* como também uma *história da filosofia*, que infelizmente não veio a ser concluída, alternativa àquela desenvolvida por Hegel. Ora, é contra a concepção hegeliana de *filosofia* e de *história da filosofia* e, sobretudo contra o desprezo que Hegel demonstrara à filosofia de Epicuro, que Marx reage ao escrever sua *Tese*. Portanto, diferentemente de Hegel, para quem a história da filosofia é narrada sobre a égide do idealismo, Marx, desenvolve uma perspectiva materialista da história da filosofia e o sistema epicurista um modelo positivo deste materialismo. Se por um lado Hegel afirma a total falta de necessidade da filosofia e das obras de Epicuro, como escreve em suas *lições*: “essas obras não chegaram até nós, e a verdade é que não há necessidade de se lamentar. Longe disso, devemos agradecer a Deus por não terem sido preservados; os filólogos, pelo menos, teriam passado grande fadiga com eles” (HEGEL, 1955 [V.1], p. 378), Marx, por sua vez, contrário a Hegel, afirma



¹³ SCHAUBACH, *Über Epikurus astronomische Begriffe*, *Archiv Philologie und Pädagogik*, publ. Seebode, Jahn et Klotz, n. 4 (1839). Referência citada por Marx.

¹⁴ Gabaude aponta a influência que Marx sofrera de Kant e os idealistas alemães: “Marx a été marqué par rationalisme de Spinoza, de Kant et de Fichte, puis par la critique de Feuerbach, mais en visant toujours plus loin” (GABAUDE, 1970, p. 11). Conferir também o excelente artigo de Spinelli: SPINELLI, Miguel. “Kant leitor de Epicuro”. *Studia Kantiana* Vol. 9, N. 11, 2011, 96-121.

¹⁵ Ora, sua “originalidade” está relacionada a uma crítica ou uma releitura dos pensadores clássicos, os quais foram tomados como fontes sem a devida crítica, ou seja, foram simplesmente, segundo Marx, repetidos. Talvez a causa deste “cego retorno” aos clássicos que se debruçaram sobre a filosofia de Epicuro, como os citados Plutarco e Cícero, por parte dos modernos, reflita o desinteresse pela filosofia helenística tão óbvia no pensamento de Hegel.

que “esses sistemas [epicúreo, estoico e cético] são a chave para a verdadeira história da filosofia grega” (MARX, 2018 [1841], (Prefácio), p. 222). Eis, portanto, sem sombra de dúvida, a maior importância da pesquisa de Marx para o doutoramento, isto é, marcar inicialmente sua desfiliação ao programa histórico-filosófico de Hegel e dos jovens hegelianos.

Por fim, reconhecemos haver hoje, pouco interesse pela *Tese Doutoral* de Marx, embora tenha havido, é necessário reconhecer, uma recente e acanhada busca¹⁶. Este fato, talvez esteja relacionado com o interesse político, e menos filosófico, que Marx atrai em nossos dias. Portanto, visto que em sua *Tese* ele ainda não se propunha a fazer uma crítica política, nem investiga a relação entre o Estado e a sociedade civil (e que, por sinal, é também o objeto de investigação para Hegel), mas ele se compromete, sobretudo com a obtenção do título de doutor em filosofia e, como já visto anteriormente, com uma vaga de docente na Universidade de Bonn. A que então se propõe a *Tese* de Marx? Carlos García Gual, por exemplo, expressamente empresta-nos uma orientação significativa, ou seja, que “O tema central deste estudo é um problema concreto: apontar as diversas orientações de um e do outro pensador, a partir de suas diferentes qualificações acerca da teoria do conhecimento e do movimento atômico” (GUAL, 1985, p. 265). Este será, portanto, o fio condutor desta nossa investigação.



3 DEMÓCRITO E EPICURO: DAS DIFERENÇAS GERAIS

A Primeira Parte da *Tese* desenvolve as “diferenças gerais” (*Differenz allgemeinen*) entre as concepções filosóficas de ambos os autores e está dividida em cinco capítulos: (I) *Objeto do trabalho*, ou da *dissertação*; (II) *Pareceres sobre a relação entre a física de Demócrito e a de Epicuro*; (III) *Dificuldades quanto à Identidade da filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*; (IV) *Diferença fundamental geral entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro* (incompleto); e (V) *Resultados*. Este último capítulo completamente perdido.

(I) Marx começa, ao desenvolver o *Objeto do trabalho* (Gegenstand der Abhandlung) no Primeiro Capítulo, por situar na tradição a filosofia helenística e suas

¹⁶ Neste ano de 2018, por exemplo, por conta do bicentenário do nascimento de Karl Marx, a Editora Boitempo lançou como seu 24º título da *Coleção Marx-Engels* a tradução da *Tese* direto do alemão para o português do Brasil pelo teólogo luterano Nélio Schneider.

principais escolas, a epicurista, a estoica e a cética. Estas escolas são correntes de pensamentos insurgentes de um declínio ou talvez de uma mudança de perspectiva do platonismo e do aristotelismo, o que Marx chama de “filosofia alexandrina”¹⁷ (*alexandrinische Philosophie*). Ora, além de recordar a importância histórica desses dois sistemas helenísticos, ele também afirma que a “filosofia grega termina com esses dois grupos”. Portanto, coube a Marx fazer uma escolha, e esta é de fato a que nortearia sua pesquisa, isto é, “a relação entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro” (MARX, 2018 [1841], p. 32), eis, pois, o objeto da *Tese Doutoral* de Marx.

(II) Marx passa em seguida ao Capítulo Dois e, em um tópico bastante curto, analisa as opiniões filosóficas dos antigos, sempre negativas em relação a Epicuro, sobre a física de Demócrito e a de Epicuro. Marx, de fato, parece ter lido todas as fontes importantes sobre Epicuro disponível em sua época, e cita os mais importantes filósofos, como Plutarco, Cícero, Clemente de Alexandria, Sexto Empírico e tantos outros, como também o filósofo moderno Leibniz. As acusações desses filósofos são quase sempre as mesmas. Cícero acusa Epicuro de corromper a filosofia de Demócrito (CÍCERO, *De Finibus*, I, VI 21, 17, 17, 18). Clemente de Alexandria, segundo Marx, em *Stronata V 12, 27*, atribui a crítica do Apóstolo Paulo à filosofia epicurista¹⁸. Já Sexto Empírico (SEXTO EMPÍRICO, *Adv. Math.* I, 273), como também Leibniz¹⁹, o acusa de plagiar e distorcer a filosofia de Demócrito. As acusações de plágio e de corromper a doutrina atômica de Demócrito, quando tenta falar por si, são as mais comuns e as que perpetuarão na modernidade, trabalho que Marx procurará desfazer, para então, colocar Epicuro em uma justa posição na tradição antiga aos olhos da Modernidade filosófica. Este capítulo pretende, basicamente, apresentar as fontes antigas e cruzar suas opiniões sobre a física de ambos os filósofos.

(III) O Capítulo Três, desta *Primeira Parte*, é também o mais extenso e onde Marx demonstra um domínio sobre ambas as filosofias. Marx, de forma mais pontual, começa a identificar as diferenças mais gerais entre ambas às correntes atomistas e questiona-se, porém, que “difícilmente se poderia supor que esses homens, que em tudo

¹⁷ MARX, 2018 [1841], p. 30. Hegel também usa essa expressão, assim como Marx, para expressar a filosofia clássica principalmente de cunho socrático-platônico.

¹⁸ Atos 17:18. “E alguns dos filósofos epicureus e estoicos contendiam com ele, havendo quem perguntasse: que quer dizer esse tagarela? e outros: parece pregador de estranhos deuses; pois pregava a Jesus e a ressurreição”.

¹⁹ LEIBNIZ, *Die Philosophischen Schriften*, p. 36. (Nota do Autor).



se contradizem, seriam adeptos da mesma doutrina. E, ainda assim, eles parecem acorrentados um ao outro” (MARX, 2018 [1841], p. 54). Ora, é inevitável a percepção que ambos os filósofos, e Marx percebeu bem, acham-se relacionados entre si. São diferentes em questões de hábitos e personalidade e, sobretudo em pontos cruciais de suas filosofias. Também aqui Marx demonstra, como um típico alemão pós-hegeliano e que se preocupa com questões histórico-filosóficas, um amplo conhecimento das fontes históricas e doxográficas.

As diferenças, de início, são postas em termos epistemológicos, isto é, “sobre verdade e convicção do saber humano” (MARX, 2018 [1841], p. 37), ou seja, de orientação propriamente filosófica. Segundo Marx, Demócrito é um cético que “converte, por conseguinte, a realidade sensível em aparência subjetiva” (MARX, 2018 [1841], p. 39) e que apenas os átomos e o vazio são os verdadeiros princípios de toda realidade, logo, todo o resto, não passa de enganosas opiniões dos homens. Demócrito é também, segundo os testemunhos citados por Marx, um “homem culto” (*vir eruditus*), viajou o mundo aprendendo diferentes ciências, como física, ética, matemática e artes, como bem relata Diógenes Laércio (Diog. Laert., IX, 37). Para Marx, este acúmulo de saberes adquiridos no Egito, Pérsia e Etiópia, é a causa da “insatisfação causada pelo saber verdadeira, isto é, filosófico, que o impele para o vasto mundo” (MARX, 2018 [1841], p. 43), isto é, ausente de conteúdo e carente de verdade. Epicuro, ao contrário de Demócrito, é um dogmático, pois “o sábio será dogmático, mas sem deixar dúvidas” (Diog. Laert., X, 120)²⁰ e fez do mundo sensível uma “manifestação objetivo” (MARX, 2018 [1841], p. 43). Os sentidos captam o mundo em sua objetividade, pois são, segundo Cícero, “arautos da verdade” (CÍCERO, *De Natura Deorum*, I, XXV 70). Compartilha com Demócrito que os princípios são átomos e vazio e, quando agregados, constituem o mundo sensível, mas nega que, por exemplo, o “doce e o amargo”, o “quente e o frio” sejam meras “convenções” (νόμῳ, DK 68 B9). Ora, para Epicuro, os sentidos são absolutos: “se te opuseres a todas as sensações, não terás sequer um ponto de referência para julgar as que consideram falsas” (Diog. Laert., X, 146). Epicuro é um autodidata²¹ e sempre afirmou não ter tido mestres, quase nunca saía do Jardim e, quando o fez, fora para visitar amigos na Jônia e não buscar conhecimento entre *sacerdotes*

²⁰ Essa passagem também encontra-se em: PLUTARCO, *Contra Colotês*, 1117 F.

²¹ Embora Apolodora tenha dito que Epicuro fora discípulo de Nausífanos e Praxífanos, este fato é negado pelo próprio Epicuro em uma carta a Euríloco, segundo Diógenes Laércio, X, 13.



*egípcios e gimnosofistas indianos*²². A filosofia para Epicuro deveria proporcionar satisfação da alma e uma vida de tranquilidade e não o saber científico tão almejado por Demócrito.

Segundo Sexto Empírico, Demócrito tanto nega a realidade objetiva do mundo das aparências como sustenta que as qualidades secundárias (a cor, o sabor, a temperatura e outros) dos elementos primários são convencionadas. O que pode ser reconhecido como “ceticismo” nos fragmentos de Demócrito é melhor entendido, como já demonstrado em Heráclito, Parmênides e Empédocles, como uma “limitação das sensações” e nunca uma recusa efetiva das mesmas. Isso não deve, no entanto, ser confundido com um ceticismo de matriz pirrônica ou acadêmica, sustentado por Sexto Empírico, ou mesmo por Enesidemo no hábito da suspensão do juízo (ἐποχή). O que parece é que Sexto Empírico, e talvez aqui resida o engano de Marx em não fazer a devida crítica, se serve da filosofia de Demócrito como um precursor de um ceticismo fundado na crítica dos sentidos, tomando o seu pensamento como ‘fonte’ (MCKIRAHAN, 2013, pp. 546-547), concorrendo com isso para uma interpretação cética²³ da sua filosofia.

Epicuro, por outro lado, e neste sentido Marx tem razão, pode ser considerado um pensador dogmático²⁴, como ele mesmo entende o papel do sábio (σοφός) ao afirmar que o sábio deverá ser “dogmático em suas convicções doutrinárias, sem jamais deixar dúvidas” (δογματιεῖν τε καὶ οὐκ ἀπορήσειν, Diog. Laert., X, 120). Os critérios de verdade (κριτήρια τῆς ἀληθείας), como são pensados por Epicuro e os epicuristas, as *sensações* (αἰσθήσεις), as *antecipações* (προλήψεις), as *afecções* (πάθη) e as *projeção do entendimento* (φανταστικὰς ἐπιβολὰς τῆς διανοίας), são princípios necessários para se estabelecer um discurso possível e verdadeiro acerca do real. Afirma também ser capaz de apreender verdades via critérios, embora ele mesmo reconheça que esta aquisição de conteúdos verdadeiros nunca é de forma absoluta ou em si mesma, pois pauta-se na sensibilidade que é sempre mutável. Epicuro, por tomar a sensibilidade como o principal critério pode ser considerado como um pensador relativista, não num sentido absoluto do termo, mas por compreender

²² Os relatos de suas viagens encontram-se em DL, IX, 35.

²³ Visão diferente encontra-se em Victor Brochard quando expressamente diz: “Todavia, enquanto que os eleatas, Heráclito, Empédocles, Demócrito e Anaxágoras são expressamente designados por vários cétricos como precursor de sua doutrina, não vemos nada de semelhante a propósito dos antigos jônicos e dos pitagóricos”. (BROCHARD, 2019, p. 21).

²⁴ Pode-se dizer de Epicuro como um filósofo dogmático, como aquele que afirma ser capaz de produzir um discurso sobre a possibilidade da verdade, mas nunca num sentido de que é possível afirmar a captação da verdade nela mesma de forma peremptória e inquestionável, legitimando assim a verdade de forma absoluta. Ver, por exemplo, as suas interpretações acerca dos meteoros.



que é possível haver percepções diferentes do mesmo fenômeno percebido por duas ou mais pessoas²⁵.

Outra diferença bastante contundente e também apontada por Marx ainda no Terceiro Capítulo, e que encerra ambos os filósofos em direções opostas, é o que ele chama de *relação entre o pensamento e o ser* ou a *forma de reflexão*. De um lado, segundo Marx, Demócrito adota como explicação da realidade a *necessidade* (ἀνάγκη) e, de outro, Epicuro afirma o *acaso* (τύχη²⁶) como a forma de explicação dos fenômenos do mundo. Aristóteles, Diógenes Laércio e Eusébio, todos citados por Marx neste capítulo, afirmam ter Demócrito tomado a necessidade para explicar a natureza do átomo e os fenômenos físicos. Diógenes Laércio, por exemplo, afirma que “tudo nasce por força da necessidade; Demócrito chama necessidade o vórtice causador da gênese de todas as coisas” (Diog. Laert., IX, 45). Epicuro, do lado oposta, segundo Marx, ponto que no nosso entender não parece óbvio, rejeita a necessidade e admite o acaso. Marx cita, portanto, para justificar sua opinião, o passo 133 da *Epístola a Meneceu*, onde Epicuro, instruindo seu jovem discípulo acerca do sábio afirma: “ele proclama que a necessidade, introduzida por alguns filósofos como senhor de tudo, é uma crença vã, [...] porque para ele é evidente que a necessidade gera a irresponsabilidade e que o acaso é inconstante, e que as coisas que dependem de nós são livremente escolhidas”. Esta citação de Marx não parece concluir sua afirmação, principalmente se colocada ao lado da *Epístola a Pítocles* no passo 90:

E não se deve formar um só agregado ou um vórtice no vazio, no qual, de acordo com a opinião de alguns filósofos, o nascimento de um mundo é possível por necessidade mecânica, e também seu crescimento até colidir com outro, como afirma um dos filósofos chamados físicos. Com efeito, isso contradiz os fenômenos. (Diog. Laert., X, [EPi], 90)

Este passo da *Epístola a Pítocles* está em um contexto muito semelhante ao do texto comentado por Diógenes Laércio sobre Demócrito²⁷. O contexto é justamente sobre

²⁵ Um claro exemplo dessa relação encontra-se nas passagens 159c e 159d do *Teeteto* de Platão: “Assim, quando estou com saúde e bebo vinho, isso parece ser prazeroso e doce para mim? [...] mas quando o elemento ativo encontra Sócrates doente, em primeiro lugar, não é a rigor o mesmo homem que encontra, não é mesmo? Com efeito, aquele a quem o elemento ativo atinge é certamente dessemelhante”.

²⁶ Talvez, se Marx tivesse conhecido a Sentença Vaticana 47 não tivesse feito essa afirmação. “Antecipei-me a ti, Acaso [τύχη], e bloqueei todas as brechas por onde poderias passar. E não vamos nos entregar como cativos teus ou de outrem em nenhuma circunstância; mas, quando for tempo de irmos, cuspiremos com desdém na vida e naqueles inutilmente apegados a ela. Deixaremos a vida com uma canção de triunfo por termos vivido bem”, EPICURO, *Sentenças Vaticanas*, p. 46-47. (tradução levemente modificado).

²⁷ Conferir também a posição de Leucipo em Diógenes Laércio: “os mundo formam-se do seguinte modo: destacam-se do infinito, muitos corpos de toda espécie de figura vão para o grande vazio e, reunindo-se

a formação das “coisas compostas” (ἄθροισμα) e dos “mundos” (κόσμους). Ora, tanto Leucipo como Demócrito empregam a mesma palavra, ou a mesma causa para mostrar como se dá a “formação dos mundos” (κόσμον γίνεσθαι), isto é, mediante um “vórtice”, “turbilhão”, “redemoinho” ou um “movimento de rotação” (δίνης, DK 68 A1). É também o mesmo termo usado por Epicuro ao criticar “os filósofos chamados físicos” (καθάπερ τῶν φυσικῶν) em uma clara menção a Leucipo e Demócrito e à sua explicação da realidade física “segundo a necessidade” (ἐξ ἀνάγκης). A mesma crítica é retomada a Meneceu, onde ele diz que a “necessidade é desinformação” (ἀνάγκην ἀνυπεύθυνον εἶναι), mas que também o “acaso é inconstante” (τύχην ἄστατον). Somente o “que depende de nós” (τὸ παρ’ ἡμᾶς), ou seja, aquilo que o homem pode fazer ou conhecer interessa ao homem, pois as causas dos fenômenos físicos podem ter diversas possíveis explicações, como bem expresso na Epistola a Pítocles: “Esse procedimento não é aplicável aos fenômenos celestes, que admitem não somente causas múltiplas de sua formação, mas também uma determinação múltipla de sua essência em harmonia com as sensações” (Diog. Laert., X [EPI], 86)²⁸.

(IV-V) Por fim, os últimos dois capítulos da Primeira Parte da Tese se perderam. Do capítulo IV restaram, além do título do capítulo, apenas quatorze notas explicativas. Já do capítulo V nada restou, mas alguns tradutores puseram o título de “V. resultado” pois era as conclusões dos argumentos elaborados nos capítulos anteriores. A nota 1 do quarto capítulo, trata da aniquilação dos povos cimbrós pelos massaliotas narrada por Plutarco em uma biografia de Mário²⁹. Marx chega a seguinte conclusão: “portanto, até mesmo a transformação de um povo em um monte de esterco propicia a desejada oportunidade de deleitar-se com divagações morais” (MARX, 2018 [1841], p. 55). A nota 2, a mais extensa, trata de Hegel e dos seus alunos: “também no que diz respeito a Hegel, é pura ignorância de seus alunos quando eles [...]” (IDEM). As demais notas (93-14) são citações de autores antigos usados como fontes da sua pesquisa, na maioria referências a Simplício, Diógenes Laércio e Aristóteles.

entre si, formam um único vórtice, no qual atiram-se uns aos outros, e movendo-se em círculos em todas as direções possíveis separam-se de modo a que os semelhantes se unam entre si” (DL, IX, 31; DK 67 A1 (Leucipo)).

²⁸ Em relação, por exemplo, a descrição do tamanho dos astros no parágrafo 91, Epicuro admite diferentes explicações possíveis, esquivando-se de uma possível explicação dogmática, assim ele escreve: “mas o tamanho em si na realidade pode ser *maior* que aquele que vemos, ou um *pouco menor*, ou *igual*” (itálicos nosso).

²⁹ Biografia citada por Marx: PLUTARCO, *Vitae Parallelae*. Marius, 21, 7-8.



3 DEMÓCRITO E EPICURO: DAS *DIFERENÇAS PARTICULARES*

A Segunda Parte da *Tese Doutoral* de Marx, na qual ele trata das “diferenças particulares” (*differenz einzelnen*) entre ambas as filosofias da natureza, chegou aos nossos dias, diferentemente da Primeira Parte, completa. Encontra-se, semelhante à primeira parte, dividida em cinco capítulos: (I) *A declinação do átomo da linha reta*; (II) *As qualidades dos átomos*; (III) “*Átomos-princípios*” e “*Átomos-elementos*”; (IV) *O tempo*; e (V) *Os meteoros*. É também a parte que, embora Marx se dedique a elaborar as diferenciações entre as filosofias da natureza tanto de Demócrito como de Epicuro, ele e volta mais dedicadamente para a filosofia de Epicuro, inclinando-se aos seus postulados físicos e filosóficos.

I

A declinação do átomo da linha reta (Die Deklination des Atoms von der geraden Linie). Este é, sem sombra de dúvida, como afirmou Ettore Binone, “o ponto mais obscuro e mais discutido do epicurismo” (BIGNONE, 1973, p. 414). Por este motivo gastaremos mais esforços, assim como o fez Marx, neste ponto. Marx, no início do primeiro capítulo, afirma que “Epicuro assume um movimento *triplo* dos átomos no vácuo” (MARX, 2018 [1841], p.71) e se refere como fonte desta afirmação, em uma nota de pé de página, a Estobeu, Cícero e Pseudo-Plutarco. Os três movimentos dos átomos atribuídos a Epicuro são: (1) a *queda em linha reta*; (2) o *desvio da linha reta* e (3) a *repulsão dos diversos átomos* entre si. Ora, qualquer leitor minimamente atento, esperaria do autor da *Tese* uma citação direta ou mesmo uma referência em pé de página, como ele faz com outros autores, do próprio Epicuro, ou mesmo de Diógenes Laércio, para justificar sua afirmação acerca da natureza dos movimentos dos átomos no pensamento de Epicuro, e não de terceiros. Desta forma, segundo Marx, Epicuro estaria “de acordo com Demócrito” no que diz respeito ao primeiro e ao terceiro movimento, isto é, a *queda em linha reta* e a *repulsão dos diversos átomos*, mas que não há em Demócrito o segundo movimento, o *desvio da linha reta*, o qual seria uma introdução propriamente epicúrea.

Acerca do primeiro movimento, vale salientar a distinção com Leucipo e Demócrito que concebem a causa do movimento dos átomos proveniente de um “turbilhão”



(δίνην³⁰) próprio do “universo infinito” (τὸ πᾶν ἄπειρόν, DK 67 A1), desconhecendo, portanto, o movimento de *queda em linha reta* (BRUN, 1987, p. 63) impetrado pelo próprio peso, isto, por ignorarem a noção de peso³¹, fato contestado por Aristóteles³² e Teofrasto³³, como propriedade (συμπτόματων) natural do átomo³⁴. O segundo movimento, o de *choque* (πληγή), redireciona os átomos, mas não influi em seu movimento natural, pois “nem o movimento ascendente é mais veloz, nem o movimento oblíquo decorrente de colisões, nem o movimento descendente devido ao próprio peso afeta a sua velocidade” (Diog. Laert., X (EHe), 61), permanecendo assim, num constante e eterno movimento.

A crítica central apontada por Marx é que, segundo os autores mais críticos da filosofia de Epicuro, seria impossível a formação dos corpos compostos uma vez que os átomos caem em linha reta e com igual velocidade e que Epicuro teria percebido tal inconsistência democrítea. Ou seja, como poderiam agrupar-se formando um composto uma vez que seria impossível o contato entre os diversos átomos? Foi necessário a Epicuro, portanto, segundo Cícero, o mais contundente crítico de sua filosofia, servir-se “então do recurso de uma mentira”³⁵, isto é, como resultado, ainda segundo Cícero: “tudo isso, além de ser ficção pueril, de modo algum prova o que se pretende”³⁶. Ora, se é verdade que ao postular o movimento de *desvio da linha reta* resolve o problema das agregações atômicas, é verdade também que o problema da “necessidade” levantado por Demócrito é, portanto, refutado.



³⁰ Diog. Laert., IX, 31; DK 67 A1.

³¹ AÉCIO, I 3, 18; 1, 12, 6; DK 68 A47: “Demócrito referia duas (as propriedades dos átomos), tamanho e formato; mas Epicuro acrescentou a estas uma terceira, a saber, o peso... Demócrito dizia que os corpos primários (os átomos e o vazio) não possuem peso, mas que se movem no infinito como resultado de chocarem uns com os outros”.

³² ARISTÓTELES, *De gen. et corr.* A8, 326 a 9: “Contudo, Demócrito diz que cada um dos corpos individuais é mais pesado em proporção ao seu excesso (de volume).

³³ TEOFRASTO, *De sensu*, 61; DK 68 A135: “Demócrito distingue o pesado e o leve pelo tamanho... Todavia, em corpos compostos, o mais leve é aquele que contém mais vazio, o mais pesado o que tem menos. Foi assim que por vezes se exprimiu, mas noutros lugares diz simplesmente que o subtil é leve”.

³⁴ Cf.: Diog. Laert., X (EHe), 54: “Devemos sustentar ainda que os átomos não tem qualquer qualidade das coisas do mundo dos fenômenos, à exceção da forma, do peso e do tamanho e das propriedades necessariamente associadas à forma”.

³⁵ Esta citação não literal de Marx corresponde a CÍCERO, *De finibus bonorum et malorum*, 1, VI. Consultamos para essa obra a tradução de Carlos Ancêde Nogueé: *Do sumo bem e do sumo mal*, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

³⁶ CÍCERO, *Do sumo bem e do sumo mal*, 1, VI. Conferir as citações de Marx: CÍCERO, *De Nat. Deorum*, I, XXV 69; CÍCERO, *Sobre o destino*, X 22.

Além da formação dos *corpos compostos* (ἄθροισμα), como pensa os atomistas³⁷ em distinção aos *corpos simples* (ἄτομος) ou, para usar a expressão de Lucrécio, “corpos primeiros” (*corpora prima*)³⁸, a origem da liberdade é pela doutrina do *desvio da linha reta* introduzida. Segundo Pierre Bayle, citado por Marx em francês, “Epicuro acreditava ainda que no vazio os átomos se desviavam um pouco da linha reta e assim se originava a liberdade [...]”³⁹. Esta hipótese é aceita por muitos especialistas em Epicuro, inclusive por Marx. Todavia, isto nos parece uma ‘introdução’ lucreciana⁴⁰, articulada e textualmente defendida no *De Rerum Natura*. Tal doutrina é fundamental às suas argumentações em prol da necessidade dos choques entre os átomos no vazio. Todavia, isto não implica a afirmação de que não há, necessariamente, a noção de *desvio* no átomo epicúreo, mas sim que, quem a desenvolve e sustenta ainda na antiguidade é Lucrécio, dando-lhe, portanto, segundo pensa Cícero, asserções *por razões morais* (CÍCERO. *Sobre o Destino*, X, 23), razões estas não encontradas nos textos sobre a física de Epicuro, mais especificamente nas epístolas a *Heródoto* e a *Meneceu*.

Lucrécio segue os passos de Epicuro e parte justamente donde partiu seu mestre, isto é, da “investigação da natureza” (LUCRÉCIO, *De rerum natura*, I, 949-950) e que, assim como Epicuro, se preocupa em demonstrar “como todos os seres se compõem de germes eternos” (LUCRÉCIO, *De rerum natura*, I, 220-225), concordando com ele quando diz que “os átomos e o vazio existem eternamente” (Diog. Laert., X [EHe], 44). Lucrécio expõe a doutrina de Epicuro utilizando-se do gênero poético à semelhança de alguns naturalistas pré-socráticos. O texto de Lucrécio é sempre evocado pelos estudiosos modernos, como também por Marx, na tentativa de elucidar, ou até mesmo preencher, possíveis *lacunas* deixadas pelo extravio da obra de Epicuro. Muito do que escreveu Lucrécio no *De Rerum Natura* sobre a doutrina epicúrea e que não se encontra



³⁷ Demócrito usa τὰ συγκρίματα “as coisas compostas” em DL, IX, 44; DK 68 A1 e ἀποτελεῖσθαι “corpos acabados” em SIMPLÍCIO, *De caelo* 242, 21; DK 67 A14.

³⁸ LUCRÉCIO, *De rerum natura*, I, 510-515. “Portanto, os *corpos primeiros* são matéria sólida e sem vazio” (itálico nosso). Aristóteles usa a mesma expressão ao referir-se aos princípios de Leucipo e Demócrito: “Assim, Leucipo e Demócrito, que dizem que os seus corpos primeiros estão sempre em movimento no vazio infinito...” (ARISTÓTELES, *De Caelo*, Γ2, 300 b8).

³⁹ BAYLE, Pierre. *Dictionnaire historique et critique*. 3 ed. t.2. Rotterdam, 1720, p. 1085, v. Épicure. (Nota do autor). “Épicure supposa que même au milieu du vide lesa tomes déclinaient um peu de la ligne droite; et de là venait la liberté...”.

⁴⁰ José Luiz García Rúa citando a hipótese de Bignone, enfatizando que “la introducción del *clinamen* es, dentro del pensamiento epicúreo, posterior a la Epístola citada [a Heródoto], e coincidente con la introducción del *elemento sin nombre*”. Esta é uma tentativa de explicar a noção de *clinamen* já no pensamento de Epicuro, ou seja, afirma citando Bignone que “la Epístola a Heródoto representaría un estadio antiguo del pensamiento de Epicuro” (RÚA, 1996, p. 181).

textualmente em Epicuro é tido como um conhecimento derivado de alguma obra epicurista – e não necessariamente do punho de Epicuro – perdida no decurso do tempo. É provavelmente este procedimento que se encontra desde Cícero até Marx. Lucrécio, como um estudioso da filosofia de Epicuro – diferente de Diógenes Laércio, um historiador da filosofia – ratifica as antigas asserções do atomismo pré-socrático, talvez comparando os dos atomistas mais conhecidos, como faz Marx, mas acaba introduzindo algumas novidades, dentre elas, aquela que custará caro à filosofia epicúrea, pois, tem-se em mente que Lucrécio é um fiel intérprete da filosofia de Epicuro, e toma-se, como de Epicuro, muitas asserções de Lucrécio e que não se encontram nos textos remanescentes de Epicuro. É o caso da noção de *Clinamen*:

Há neste assunto um ponto que desejamos [que] conheças: quando os corpos são levados em linha reta através do vazio e de cima para baixo pelo seu próprio peso, afastam-se um pouco da sua trajetória, em altura incerta e em incerto lugar, e tão somente o necessário para que se possa dizer que se mudou o movimento. Se não pudessem desviar-se, todos eles, como gotas de chuva, cairiam pelo profundo espaço sempre de cima para baixo e não haveria para os elementos nenhuma possibilidade de colisão ou de choque; se assim fosse, jamais a natureza teria criado coisa alguma (LUCRÉCIO, *De rerum natura*, II, 215-225).



Portanto, o desvio (*clínamen*) não diz respeito, em Epicuro, à natureza dos princípios e não é uma qualidade natural do átomo, “pois os átomos não tem qualidade alguma à exceção do tamanho, da forma e do peso”⁴¹, mas é construído como hipótese para explicar – além da livre vontade humana, como assinala Cícero – o surgimento dos corpos compostos no mundo, mediante os choques entre os átomos. Há, textualmente, para Epicuro, somente “dois movimentos possíveis”⁴² para o átomo no transcurso pelo vazio, o de *queda livre em linha reta*, engendrado pelo peso (βάρους), o movimento natural dos átomos, e o movimento causado pelos *choques* (σύγκρουσις) entre eles,

⁴¹ Diog. Laert., X [EHe], 44: “φησὶ δ' ἐνδοτέρω μηδὲ ποιότητά τινα περὶ τὰς ἀτόμους εἶναι πλὴν σχήματος καὶ μεγέθους καὶ βάρους”.

⁴² Todavia, tomam-se aqui como dois os movimentos próprios dos átomos, isto por não se encontrar nos textos de Epicuro, nem em outros fragmentos, referência a declinação (*parénklisis*) como apresentada em Lucrécio. Comunga com esta hipótese Jean Brun, que embora atribuindo um terceiro movimento, questiona-se: “a teoria da declinação é de Epicuro ou é um acréscimo de alguns discípulos?”, e ainda acrescenta: “Verdade é que em nenhum dos fragmentos que nos restam de Epicuro encontramos qualquer traço desta teoria, também estando Diógenes Laércio silencioso quanto a este assunto; por isso, os historiadores do epicurismo viram nesta teoria um contributo dos sucessores de Epicuro” (BRUN, 1987, p. 65). Se for uma contribuição de alguns discípulos de Epicuro, acaba por corroborar a afirmação de Miguel Spinelli de que “a obra de Epicuro não foi escrita por uma só mão, e tampouco nasceu de um só cérebro ou de uma só cabeça” (SPINELLI, 2013, p. 21). O que resta, todavia, é creditar a Lucrécio o desenvolvimento sistemático dessa teoria, visto que é em seu texto o marco de todo deste debate.

caracterizando assim um movimento violento. Assim sendo, não nos parece correta a afirmação de Farrington de que há, sobretudo, uma preocupação ética em Epicuro e que esta o difere de Demócrito:

Epicuro estava mais interessado pelo microcosmo, Homem, do que pelo macrocosmo, Natureza. Estava determinado a preservar a liberdade da vontade. [...] Assim, o atomismo, que foi inventado por Demócrito para dar uma base à física, foi adotado por Epicuro para servir de fundamento à ética (FARRINGTON, 1968, p. 119).

Portanto, o movimento dos átomos, para Marx, não é necessariamente em linha reta, mas sim, à semelhança do movimento dos corpos celestes, é “em linhas inclinadas” (MARX, 2018 [1841], p.76). Marx observa bem que todo corpo em movimento de queda, sendo apenas um ponto que se move, é privado de sua autonomia e conseqüentemente de sua singularidade. A ideia que Marx está construindo, em linhas idealistas, não é apenas de liberdade, mas de um conceito de átomo como “forma pura”, isto é, “o corpo em sua autonomia absoluta” (IDEM), portanto, por outro lado, a linha reta constitui-se uma “existência relativa”, opondo-se ao átomo e, por isso, deve ser negada. Ora, é negando a queda em linha reta que irrompe-se a autonomia própria do que é absoluto e, esta negação, constitui um outro movimento, não mais determinado, qual seja, a declinação ou desvio da linha reta, pois, como expressa o próprio Marx: “o movimento da queda é o movimento da não autonomia” (IDEM) e, citando Lucrécio, também “nega os *fati foedera* (laços do destino)” (IDEM)⁴³.

Fato é que Marx parte da certeza que o *desvio* é um postulado da filosofia de Epicuro. Lucrécio, por exemplo, no passo supracitado, ao introduzir o assunto não deixa claro ser uma teoria de Epicuro, apenas a menciona ao tratar dos astros e dos elementos constitutivos do universo, o que deixa margem a ambas as interpretações. Epicuro, por sua vez, também não menciona o desvio do átomo nos passos 43 e 44 da *Epístola a Heródoto*, onde introduz o tema do “movimento” (κίνησις) dos átomos, exceto se entendermos, como pretende García Rúa (RÚA, 1996, p. 138)⁴⁴, que a conjectura de Jean Bollack no passo 43,

⁴³ Cf.: LUCRÉCIO, *De rerum natura*, II, 253: “Nec declinando faciunt primordia motus / Principium quoddam, quod fati foedera rumpat / Ex infinite ne causam causa sequatur”.

⁴⁴ “... los átomos se mueven continuamente por toda la eternidade ... por un lado los unos separándose de los otros en grandes distancias, mientras que otros mantienen el mismo movimiento de vibración, cuando *por haberse desviado* tropiezan con (la parte superficial de) un agregado atómico, o cuando se hallan encerrados en un conjunto de átomos entrelazados”.



isto é, κεκλιμένοι (por ter desviado⁴⁵) ao invés de κεκλειμένοι (tendo encontrado) é aceitável. Ora, a força da argumentação está na aceitação da conjectura que tem como origem o verbo κλίνω (inclinare), pois só assim é possível falar de uma “declinação” (παρέγκλισις). Eis o passo 34 da *Epistola a Heródoto*:

Os átomos estão em movimento contínuo por toda a eternidade. (Ele diz também abaixo que os átomos se movem com velocidade igual porque o vazio dá passagem da mesma forma ao átomo mais leve e ao mais pesado.) Alguns deles são projetados a grande distância uns dos outros, enquanto outros, ao contrário, recebem o impacto onde estão, quando se encontram [κεκλειμένοι] com um aglomerado de átomos ou permanecem aglomerados e, portanto, compactos, ou então contidos e protegidos pelos átomos aglomerados entre si, e, portanto, fluidos (Diog. Laert., X [EHe], 43).

Para a física moderna, o *clinamen* é, senão, um absurdo científico, ou mesmo de “princípio” (SERRES, 2003, p. 12), pois não se constata um corpo, que em queda livre, desvia-se naturalmente de sua trajetória. Michel Serres tece uma crítica que o põe na mesma fileira de Cícero, de que “o *clinamen*, de imediato, encontra refúgio na subjetividade, passa do mundo à alma, da física à metafísica, da teoria dos corpos inertes em queda livre à teoria dos movimentos livres do vivo” (SERRES, 2003, p. 12). No que tange à física epicúrea, Cícero ainda escreve: “a própria declinação é um fingimento *ad libitum* [à vontade] e sem causa, e não há nada mais inepto para um físico que imaginar um fenômeno sem causa” (CÍCERO. *De finibus bonorum et malorum*, I, VI). Tal argumentação de Cícero em relação ao pensamento de Epicuro, dar-se em antítese ao pensamento democriteo, isto é, “conquanto me pareça [diz Cícero em relação a Demócrito] que as que pretende corrigir ele acabou por pô-la a perder” (IDEM). O que tanto Cícero como também Plutarco⁴⁶ não perceberam, e que é denunciado na crítica de Marx, é que a exigência de uma *causa física* necessária para a declinação é sem sentido, pois o próprio átomo é a causa de tudo que existe, ou seja, é o fundamento primeiro e último, e que, portanto, não admite nada anterior a ele, isto é, é “ele próprio sem causa” (MARX, 2018 [1841], p.76).

Por fim, não são justas essas críticas desferidas contra Epicuro, uma vez que, como já fora salientado mais acima, esta teoria do *desvio do átomo da linha reta (clinamen)*, a rigor, não se encontra nas asserções epicúreas, nem ainda no epicurismo grego com seus discípulos, logo, não caracteriza-se como parte integrante de sua física, que por sinal,

⁴⁵ Jean Bollack traduz κεκλιμένοι ή στεγαζόμενοι por “ils sont dédournés dans lacis” (sendo desviados para um emaranhado). BOLLACK, 1971, p. 84-85.

⁴⁶ PLUTARCO, *De animae procreatione in Timae*, 1015 C (nota do autor).



tem como intenção rechaçar toda e qualquer especulação que parta de opiniões vazias ou de mera criação doutrinária que não passe de arbitrariedade pueril, como acusou Cícero de *ad libitum*, e que, sobretudo, não passe pelo crivo da *sensibilidade* e da *analogia por via da inferência* do estético como parece ser o caso da declinação do átomo, que se apresenta como uma contradição interna na física epicúrea, como expressa Maurice Solovine a este respeito numa extensa citação de Jean Brun:

Do exame a que submetemos o ‘clinamen’ resta manifesto que não só lhe não encontramos qualquer traço nos escritos existentes de Epicuro, mas nem mesmo o podemos introduzir sem perturbar a bela organização das suas doutrinas, rompendo a respectiva coesão lógica. A sua presença derrubaria o princípio de causalidade e o princípio, não menos importante, de uniformidade das leis da Natureza, que são os dois pilares fundamentais do sistema. Todos os esforços de Epicuro tendiam a eliminar da Natureza o arbitrário, porque só o postulado da regularidade das suas leis dá sentido às nossas pesquisas e nos fornece a paz de alma. Tendo afastado os deuses na bem evidente intenção de nos dar inteira confiança na sua ordem imutável, como poderia ter ele introduzido o ‘clinamen’ caprichoso, que se produz num momento e num lugar indeterminados, que é o mesmo que dizer que se manifesta em qualquer momento e em qualquer lugar, perturbando assim constantemente a ordem da natureza?⁴⁷

II

As qualidades dos átomos (Die Qualitäten des Atoms). No tocante as qualidades atribuídas aos átomos, Marx sustenta ser uma contradição com o próprio conceito de átomo. Demócrito, por um lado, “em lugar nenhum analisa as qualidades referentes aos próprios átomos nem objetiva a contradição entre o conceito e a existência que nela reside” (MARX, 2018 [1841], p.86) e, para Epicuro, “é essa contradição que constitui o interesse principal” (IDEM). Perseguindo seu objetivo inicial, Marx põe ambos os filósofos em propósitos diferentes, ou seja, as qualidades para Demócrito “são meras hipóteses a explicar a multiplicidade fenomênica” (MARX, 2018 [1841], p.86), mas, para Epicuro, trata-se da consequência inevitável do próprio princípio. O que decorre disto, portanto, é que enquanto para Epicuro há três qualidades (ποιότητες) atribuíveis aos átomos, Demócrito teria admitido apenas duas:

Demócrito referia duas (sc. Propriedades dos átomos), tamanho e formato; mas Epicuro acrescentou a estas uma terceira, a saber, o peso... – Demócrito diz que os

⁴⁷ SOLOVINE, Maurice, *Epicure, doctrines et maximes*, p. 166. Apud. BRUN, Jean, *O Epicurismo*, p. 65.



corpos primários (i.e. os átomos sólidos) não possuem peso, mas que se movem no infinito como resultado de chocarem uns com os outros.⁴⁸

Simplício, Philipon, Teofrasto⁴⁹ e Aristóteles também tratam das qualidades do átomo segundo Demócrito e Epicuro. Simplício⁵⁰ e Philipon⁵¹, segundo citações de Marx, concordam com a afirmação que Epicuro acrescenta a qualidade do “peso” (βάρος). Todavia, há um testemunho de Simplício, provavelmente desconhecida de Marx, ao menos ele não o cita, que admite a qualidade do peso no átomo de Demócrito: “A escola de Demócrito pensa que tudo possui peso, mas que, por possuir menos peso, é que o fogo é expelido pelas coisas que possuem mais, se move para cima e, conseqüentemente, parece leve”⁵². Ora, se este “tudo” se aplica também aos corpos simples e não apenas aos corpos compostos, é evidente que o átomo como simples também possui peso a semelhança dos demais corpos. Todavia, é Aristóteles quem chega a afirmar que os átomos democriteos, designados por “corpo indivisível” (ἀδιαίρετων), possuem a qualidade do peso, portanto, “Demócrito diz que cada um dos corpos indivisíveis é mais pesado em proporção ao seu excesso” (ARISTÓTELES, *Da geração e da corrupção*, A8, 326 a 9). Esta passagem de Aristóteles parece ser mais clara ao afirmar que também os corpos indivisíveis possuem peso.

Outra citação de Aristóteles, na qual Marx se apoiará, é dito que “Demócrito e Leucipo dizem que as diferenças são as causas de todas as outras. [...] eles dizem que são três as diferenças: a figura, a ordem e a posição” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, 985b 13-15). O termo usado por Aristóteles na *Metafísica*, “diferença” ou “variedade” (διαφορὰς), não é o mesmo usado por Demócrito, segundo a citação de Aécio, “propriedades”, “acidentes” ou “qualidades” (συμβεβηκέναι), como também difere de Epicuro, que usa o termo “qualidades” (ποιότητα). Marx sustenta, e com razão, que nesta passagem Aristóteles não fala das qualidades dos átomos mesmos enquanto “corpo fundamental”, mas entende que as propriedades dos átomos são pensadas em relação “à formação das diferenças no mundo dos fenômenos e não relativamente ao próprio átomo” (MARX, 2018 [1841], p.87), ou seja, Demócrito não pensa o peso, segundo a citação da *Metafísica*, como essencial ao átomo,

⁴⁸ AÉCIO 1. 3. 18; DK 68 A47. As fontes citadas por Marx são PSEUDO-PLUTARCO, *De Placitis Philosophorum*, 877; SEXTO EMPÍRICO, *Adversus dogmáticos*, IV, 240; EUSÉBIO, *Praeparatio evangelica*, XIV, 749. (Tradução de G. S. Kirk; J. E. Raven; M. Schofield).

⁴⁹ DK 68 A135; TEOFRASTO, *De Sensu*, 61.

⁵⁰ SIMPLÍCIO, *Scholia in Aristotelem*, p. 362 (nota do autor).

⁵¹ PHILIPON, *Scholia in Aristotelem*, p. 362 (nota do autor).

⁵² SIMPLÍCIO, *De Caelo*, 712, 27; DK 68 A61.



isto é, “o peso não é mencionado como uma qualidade dos átomos de Demócrito” (MARX, 2018 [1841], p.88). Todavia, este mesmo argumento pode ser aplicado na citação de Simplicio do *De Caelo*, 712. 27, acima citada.

Dito isto de Demócrito, Marx passa a analisar a concepção epicúrea do átomo. Segundo Epicuro, na *Epístola a Heródoto*, “os átomos não têm qualquer qualidade das coisas do mundo dos fenômenos, à exceção do tamanho, da forma e do peso”⁵³. Segundo Marx, essas qualidades contradizem o “conceito de átomo” (*Begriff des Atoms*), ou seja, o átomo não tem qualquer *tamanho*, mas sim “alguma variação de tamanho”, ou seja, é limitado em sua grandeza e pequenez, pois “não tem todos os tamanhos possíveis” (πᾶν τε μέγεθος μὲ εἶναι περὶ αὐτάς, Diog. Laert., X [EHe], 44), do contrário seria perceptível, condição já nega por Epicuro: “certamente jamais um átomo foi percebido por um sentido” (οὐδέποτε γοῦν ἄτομος ὥφθη αἰσθήσει, Diog. Laert., X [EHe], 44). Também não há, para Epicuro, *formas* infinitas, mas sim “um número determinado e finito de formas”. Ou seja, a quantidade de formas são, na realidade, “inabarcável” (ἀπερίληπτοι, Diog. Laert., X [EHe], 42), pois são “ilimitados” (ἄπειροι) diante da incapacidade da mente humana apreender todas as formas possíveis. Os passos 55 e 56 da *Epístola a Heródoto* tratam necessariamente do *tamanho* e da *forma* do átomo.

Quanto ao *peso*, qualidade atribuída ao átomo apenas por Epicuro, é um atributo natural e inalienável do átomo, o movimento em queda se dá “devido ao próprio peso” (Diog. Laert., X [EHe], 61), e, ao movimentarem-se, os átomos “têm necessariamente velocidade igual” (ἰσοταχεῖς ἀναγκαῖον, Diog. Laert., X [EHe], 61)⁵⁴, isto porque a condição de movimento depende do vazio que não oferece obstáculo algum, proporcionando ao átomo, mover-se na “mesma velocidade do pensamento” (ἅμα νοήματι τὴν φορὰν, Diog. Laert., X [EHe], 61), ou juntamente com o pensamento, solucionando assim a problemática aristotélica que negava o vazio por julgar que ele conduziria os corpos numa velocidade infinita. Vê-se, portanto, que a velocidade dos átomos no vazio, como pensa Epicuro, é inferida, levando a comparação com a velocidade do pensamento, que é, antes de tudo, impossível de qualquer constatação.

Portanto, as demais qualidades, a exceção do tamanho, da forma e do peso, são próprias dos corpos compostos (ἄθροισμα) e não dos corpos simples, pois são necessárias

⁵³ Diog. Laert., X [EHe], 44, 54: “τὰς ἀτόμους νομιστέον μηδεμίαν ποιότητα τῶν φαινομένων προσφέρεισθαι πλὴν σχήματος καὶ βάρους καὶ μεγέθους”.

⁵⁴ ἰσοταχεῖς é um neologismo composto de ἴσος “igualdade” e ταχύς “velocidade”.



à sua constituição somática, isto é, na ordem de composição dos átomos, que engendram um determinado corpo e que lhe imprime qualidades diversas, tais como cor, calor, odor, som e todas as outras possíveis de um corpo aparente. Epicuro Ainda afirma que o volume (ὄγκους) e a configuração (σχηματισμούς) dos átomos são propriedades “necessariamente permanentes” (ἀναγκαῖον ὑπομένειν, Diog. Laert., [EHe], 54), ou seja, não são acidentes (συμπτώματα), e sim atributos (συμβεβηκότα), posto que os acidentes são qualidades que podem ou não pertencerem aos corpos, mas os atributos “pertencem ao corpo de maneira permanente” (BRUN, 1987, pp. 72,73). Todavia, não se deve atribuir qualquer outra qualidade aos átomos, posto que necessariamente as “qualidades mudam, porém os átomos não mudam” (ποιότης γὰρ πᾶσα μεταβάλλει· αἱ δὲ ἄτομοι οὐδὲν μεταβάλλουσιν, Diog. Laert. X, [EHe], 54).

III.

“Átomos-princípios” e “Átomos-elementos” (“Atomoi archai” und “atoma stoicheia”). Marx, neste capítulo, parte de uma citação direta da tese de Schaubach sobre Epicuro onde este autor estabelece uma distinção entre as noções de “princípio” (ἀρχαί) e de “elemento” (στοιχεῖα). Schaubach afirma nesta citação que os *átomos-princípios* são “cognoscíveis para a razão” (*den Verstand erkennbaren*), enquanto os *átomos-elementos* são as “partículas elementares dos corpos” (*Elementarteilchen der Körper angesehen*). Marx denuncia e critica a ideia de que, segundo Schaubach, há “um gênero secundário de átomos” (MARX, 2018 [1841], p.96), ou seja, que há, para Epicuro, semelhantemente a Aristóteles, uma distinção entre σῶμα (corpo), que são responsáveis pela composição de outros corpos e ἄτομα στοιχεῖα (elementos indivisíveis), entes inteligíveis da ordem do entendimento.

Segundo Aristóteles, o átomo é o princípio fundamental de tudo que existe, “do qual são feitos os seres, do qual eles provêm inicialmente e ao qual eles retornam finalmente” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, A, 3, 983 b 8-10). Ainda no livro A da *Metafísica* ele afirma: “esses elementos (o cheio e o vazio) como causas materiais dos seres” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, A, 4, 985b 10). Estas definições aristotélicas, embora sejam pensadas a partir do primeiro atomismo, isto é, referente ao átomo de Leucipo e Demócrito, aplica-se também à concepção de átomo de Epicuro. Ora, escrevendo a Heródoto, Epicuro afirma de forma semelhante que “os átomos, dos quais se formam os compostos e nos quais os compostos se dissolvem [...]” (Diog. Laert., X (EHe), 42). Já escrevendo a Pítocles



há uma série de exemplos de compostos e fenômenos celestes e como eles são formados pelas agregações de átomos e vazio, por exemplo, os relâmpagos (101), o gelo e o arco-íris (109), as estrelas (114) e tantos outros.

Para os antigos atomistas (Leucipo, Demócrito e Epicuro) o átomo é um postulado necessário que não carece de ser ‘testemunhado’ pelos sentidos, é necessário, portanto, segundo Epicuro, não ser contraditado (μὴ ἀντιμαρτυρῆται) pelo entendimento, isto é, deve ser sustentado racionalmente. Logo, um princípio *noético*, pertencente ao ato do pensamento. Desta forma, o átomo consiste de uma natureza inteligível, não necessitando de uma demonstração empírica, pois como visto, ele é da ordem do entendimento. Por outro lado, ontologicamente, o átomo é também o elemento “constituidor” da natureza, ou seja, como afirma Epicuro “o todo é corpo” (τὸ πᾶν ἐστὶ σῶματα, Diog. Laert. X [Ehe], 39)⁵⁵. Desta afirmação se conclui uma outra, isto é, que o átomo é também um elemento corpóreo embora imperceptível aos sentidos. Portanto, como afirma Burnet, o átomo é um elemento simples, ou seja, “todos os átomos são invisíveis. Isto não quer dizer, naturalmente, que todos eles sejam do mesmo tamanho, pois há lugar para uma variedade infinita de tamanhos aquém do limite do *minimum visibile* (mínimo visível)”⁵⁶.

Marx afirma que, para Demócrito, “o átomo tem apenas o significado de um στοιχεῖον [elemento], de um substrato material” (MARX, 2018 [1841], p.100), enquanto a “diferenciação do átomo como ἀρχή e στοιχεῖον, como princípio e substrato, é autoria de Epicuro” (Idem). Isto implica em dizer que para Epicuro o átomo é algo além do simples elemento corpóreo formador dos compostos, ou seja, é também “um princípio inteligente” (BORNHEIM, 1994. p. 13.) ou mesmo de “explicação” (GIGANDET; MOREL, 2009. p. 66). Nesta perspectiva, há na física epicúrea, um “ganho metafísico” em relação a alguns filósofos das antigas escolas jônicas e eleáticas como também ao atomismo democríteo. Enquanto estes postulam princípios físico/imanentes, em Epicuro os princípios são também não-físico/imanentes. A distinção, portanto, entre estes aspectos do átomo, já pensada por Schaubach em sua tese, consiste que o átomo como elemento (στοιχεῖον) é a base do fenômeno, do mundo enquanto perceptível aos sentidos, e o átomo enquanto princípio

⁵⁵ O “corpo” aqui deve ser entendido como o “elemento simples”, isto é o átomo, o corpo primário que compõe os corpos compostos, como aparece na *Epístola a Pítocles* no passo 86: τὸ πᾶν σῶματα καὶ ἀναφήσ φύσις ἐστίν, “o todo é corpos e natureza intangível”.

⁵⁶ BURNET, John. “Leucipo de Mileto” in *Os Pré-socráticos*, p. 255.



(ἀρχή) é o átomo como existente no vazio, ou seja, o átomo em sua indeterminação, em seu estado de simplicidade e isento de percepções, compreendido apenas pelo entendimento.

Destarte, σῶμα para Epicuro comporta tanto a noção de *corpo simples*, o átomo em sua unidade, ou seja, como um elemento indivisível e um princípio de razão, como também o *corpo composto* (ἄθροισμα) formado pelos aglomerados de corpos simples, como bem expressa a Heródoto: “alguns corpos são compostos, enquanto outros são os elementos de que se compõem os corpos compostos” (Diog. Laert. X (EHe), 40). Por outro lado, só o vazio (κένον) é “natureza intangível” (ἀναφής φύσις), isto é, não possui corpo algum, pois é ἀσώματον (Diog. Laert. X (EHe), 39, 40, 41) e a possibilidade de todo movimento e de toda união dos átomos. Ora, tanto o *corpo simples* (ἄτομος) como o *vazio*, por onde os átomos se movimentam, são “princípios” (ἀρχαί), ou seja, são condições inteligíveis para fundamentar a formação da realidade sensível. Como elemento (στοιχεῖον), por outro lado, só o átomo deve ser, a rigor, assim designado, pois o vazio é condição de possibilidade.

IV.

O tempo (Die Zeit). O tempo, o qual os gregos divinizaram chamando-o Χρόνος, dentre todas as divindades a “mais terrível” (δεινότατος, HESÍODO, *Teogonia*, 138), é um conceito relacionado à mudança e à pluralidade. Esta noção, bem destacou Marx já no primeiro parágrafo deste capítulo. Este é um ponto, que segundo Marx, Demócrito e Epicuro, como qualquer pensador grego, concordam, pois a isenção de toda mutabilidade e relatividade do átomo e, conseqüentemente, o tempo está excluído do conceito de átomo. O átomo tem uma natureza eterna e imutável e o que caracteriza o tempo é justamente, segundo Marx, estar “excluído do mundo da essência” (MARX, 2018 [1841], p.104) e a variação do finito. Marx também afirma, em um tom quase kantiano, que o tempo é “a forma abstrata da percepção sensível” (MARX, 2018 [1841], p.105). Desta forma, o átomo como uma “essência”, como um corpo autônomo e absoluto não se prende às limitações do tempo e ao seu devir constante, logo, é ilimitado, ou seja, foge a toda temporalidade. Este é, portanto, o enunciado inicial de Marx neste Quarto Capítulo.

Marx, citando Aristóteles e Simplício, atribui a Demócrito um verdadeiro desinteresse à noção de tempo, julgando-o irrelevante para seu sistema filosófico (MARX, 2018 [1841], p.103). Para Aristóteles, por exemplo, “para Demócrito, nem tudo pode ter



surgido, pois o tempo é não nascido” (ARISTÓTELES, *Física*, VIII, 1). Segundo Marx, Demócrito suprime o tempo ao explica-lo, excluindo-o do universo atômico, separando a temporalidade expressa no devir e constata no processo de nascimento e morte, do a-temporal, isto é, dos átomos eternos e imutáveis e fora do processo de geração e corrupção próprio do temporal, do nascer e perecer.

O tempo é, para Epicuro, o resultado da inferência a partir das transformações do *Todo* observável nos corpos compostos, como em suas ‘qualidades mutáveis’ (συμπτώματα), como, por exemplo, os dias e as noites. Mais precisamente, para Epicuro, é necessário “considerar o tempo em analogia com a evidência imediata” (Diog. Laert., X [EHe], 72), isto é, com o que participa da percepção sensível. Logo, se o que se evidencia são as qualidades (ποιότης) que mudam de tempo em tempo, isto é, os fenômenos, só há conhecimento pela percepção que lida com as constantes mudanças entre eles. É através da mudança que se percebe as coisas que são, isto é, o que engendra um “atributo de duração”, ou seja, como expressa Sexto Empírico, o *acidente dos acidentes*: “[...] e o tempo que os acompanha a todos poderia adequadamente chamar-se o acidente dos acidentes” (Sext. Emp., *Adv. Math.*, X, 72-73). O argumento de Sexto Empírico, é que se o tempo acompanha os dias e as estações do ano, e que são todos acidentes dos atributos, logo, o tempo caracteriza-se acidental aos dias e às estações do ano, tornando-se “a forma absoluta da manifestação” (MARX, 2018 [1841], p.103). Figueira argumenta de forma um pouco semelhante, escreve ele: “se a dor é um acidente do corpo, a duração da dor é um acidente do acidente, que é a dor” (FIGUEIRA, 2003, p. 38).

Quando se diz, na esteira de Sexto Empírico, que o tempo constitui o *acidente dos acidentes* (σύμπτωμα συμπτωμάτων), admite-se, portanto, que se chega a tal enunciado mediante a constatação de sua não existência corpórea ou como disse Lucrécio que o tempo “não existe por si” (*per se non est*, LUCRÉCIO, *De rerum natura*, I, 460), isto é, como um composto perceptível, embora tenha sua realidade de uma *certa maneira* (BALAUDÉ, 2014, p. 8). O tempo, na concepção de Epicuro, não pode ser tomado como uma “prolépseis em nós mesmos, mas como evidência imediata” (ἡμῖν αὐτοῖς προλήψεις, ἀλλ’ αὐτὸ τὸ ἐνάργημα, Diog. Laert., X [EHe], 72), pois sua investigação difere da dos outros acidentes⁵⁷. Em outras palavras, o tempo é a condição dos acidentes, isto é, daquilo que

⁵⁷ Ainda segundo Balaudé, o tempo não deve ser considerado como um sujeito substancial com qualidades ou propriedades sendo também “imanifesto” como tal: “Ainsi, le temps se manifeste (« est pensé ») « selon une prénotion d’un tour particulier », telle qu’il « ne présente par lui-même aucune autre



se pode falar de “muito ou pouco tempo” (Diog. Laert., X [EHe], 72), como no célebre exemplo usado por Lucrécio acerca da Guerra de Tróia, onde “tudo aquilo que se deu pode ser considerado acidente ou das gerações ou dos lugares” (LUCRÉCIO, *De rerum natura*, I, 470). Ora, são acidentes por seu caráter mutável, pois “é dos próprios acontecimentos que vem o sentimento do que se deu no passado, depois do que é presente, em seguida do que há de vir” (LUCRÉCIO, *De rerum natura*, I, 460-461). Assim sendo, todas essas relações que pressupõe temporalidade resultam da capacidade humana de relacionar acontecimentos e deles inferir a noção de tempo. Todavia, este procedimento, como afirma Epicuro, “não necessita de demonstração, basta refletirmos o tempo com os dias e as noites”⁵⁸.

Por ser um conceito ligado às transformações da natureza e estar relacionado ao encadeamento dos acidentes, o tempo tem como fonte a percepção sensível. Há, portanto, segundo Marx, uma relação necessária entre o tempo (*Zeit*) e a sensibilidade (*Sinnlichkeit*), pois é na percepção sensível, por meio da introjeção das imagens (εἰδωλον) dos sensíveis nos órgãos dos sentidos⁵⁹, que a natureza toma consciência de si mesma. Ora, segundo Marx, “a sensualidade humana é, assim, o meio no qual os processos naturais se refletem como em um foco e incendeiam a luz da manifestação” (MARX, 2018 [1841], p.108), ou seja, deve ser entendidos como uma coisa só, a temporalidade dos compostos na natureza e sua manifestação nos órgãos dos sentidos. Em uma palavra, a sensibilidade reflete o mundo dos fenômenos.

V

Os meteoros (Die Meteore). A “doutrina acerca dos meteoros” (περὶ τῶν μετεώρων δοκεῖ) ou “sobre as coisas suspensas no ar” (περὶ μεταρσίων, Diog. Laert. X, 29),

caractéristique » : cela signifie que le temps n’est pas un sujet substantiel doté de certaines qualités ou propriétés, il ne se manifeste, n’existe que selon ce qu’indique sa prénotion particulière.” (BALAUDÉ, 2014, p. 9).

⁵⁸ Diog. Laert., X [EHe], 73. “καὶ γὰρ τοῦτο οὐκ ἀποδείξεως προσδεῖται ἀλλ’ ἐπιλογισμοῦ, ὅτι ταῖς ἡμέραις καὶ ταῖς νυξὶ [...]”. (tradução levemente modificada).

⁵⁹ Marx faz menção aqui à *teoria das imagens* de Epicuro descrita nos passos 46 a 53 da *Epístola a Heródoto* ou da *emissão dos simulacros* descrita por Lucrécio como “películas arrancadas da superfície [dos corpos] e que voejam de um lado a outro pelos ares” (LUCRÉCIO. *De Rerum Natura*, IV, 35-36). Epicuro define uma “imagem” (εἰδωλον) como uma “réplica” de um corpo composto e constituída de forma idêntica [ὁμοιοσχήμονες] a dos [corpos] sólidos (Diog. Laert., X [Ehe], 46.) que elas representam. As εἰδωλα, para a gnosiologia epicúrea constituem-se como ato e resultado diretos das percepções sensíveis, e isto se dá mediante choques ou contatos. Ele assim se expressa claramente: “essa percepção não poderia realmente verificar-se sem a emissão daquele complexo constante e concorde de propriedades do objeto até nós” (Diog. Laert., X [Ehe], 53).



desenvolvida por Epicuro, encontra-se em sua epistola endereçada a Pítocles. Ele escreve no início da missiva: “Cleon trouxe-me a tua carta [...] Pedes ainda que eu te mande uma exposição sumária e suficientemente clara sobre os fenômenos celestes [...]” (Diog. Laert. X [EPi], 84). Após transmitir a exposição de Epicuro acerca dos fenômenos celestes, com o intuito de “guardar facilmente na memória” (ἀποστειλῆναι ἵνα ῥαδίως μνημονεύῃς), Diógenes Laércio conclui: “Esta é então a doutrina acerca dos fenômenos celestes” (Ταῦτα αὐτῷ καὶ περὶ τῶν μετεώρων δοκεῖ, Diog. Laert. X [EPi], 117).

A primeira afirmação de Marx neste último capítulo é que Epicuro “encontra-se em oposição não só à opinião de Demócrito, mas à opinião da filosofia grega” (MARX, 2018 [1841], p.111), que celebram cultos de adoração aos corpos celestes. Isto inclui, além de Demócrito, textualmente Anaxágoras, Xenófanos, os pitagóricos, Platão e Aristóteles. Além do mais, contra Demócrito, Marx afirma que das suas concepções astronômicas não se extrai nada interessante em termos filosóficos. Na realidade, portanto, a explicação acerca dos fenômenos celestes insere-se no seu programa em vista da aquisição da “imperturbabilidade” (ἀταραξία) que a alma necessita para gozar de uma “vida feliz” (μακαρίως ζῆν) e não tem pretensões científicas nem religiosas. Ora, é não atribuindo aos deuses, e sim aos átomos, a complexidade dos astros e seus movimentos no céu, nem tão pouco temendo-os, como faz a tradição antiga, e sim buscando explicações físicas que se adquire o conhecimento e a paz tão almejada, ou seja, é excluindo a crença mítica e formulando, com base na investigação da natureza, uma explicação natural acerca dos fenômenos celestes, pois é verdade que “qualquer explicação já é suficiente, desde que o mito seja afastado” (MARX, 2018 [1841], p.118). Já na *Epístola a Heródoto* Epicuro sustentava que:

Quanto aos fenômenos celestes, não se deve crer que os movimentos, as revoluções, os eclipses, o surgir e o pôr dos astros e fenômenos similares ocorram por obra ou por disposição presente ou futura de algum ser dotado ao mesmo tempo de perfeita beatitude e imortalidade (de fato, interesses de ordem prática e cuidados e sentimentos de cólera e parcialidade não condizem com a beatitude, sendo antes sinais de fraqueza e temor e dependência em relação ao próximo) [...] De outra forma esse contrato produzirá as piores perturbações em nossos espíritos. Cumprenos, portanto, admitir que a necessidade e a periodicidade dos movimentos celestes ocorrem segundo a inter-relação originária desses aglomerados de átomos na gênese do mundo. (Diog. Laert. X [EHe], 77-78)

Outro fato importante a considerar da leitura de Marx é que, para Epicuro, a única finalidade do conhecimento dos fenômenos celestes é a “imperturbabilidade e a firme



confiança”⁶⁰ (ἀπαράξιν καὶ πίστιν βέβαιον, Diog. Laert. X [EPI], 85). Marx ao citar o passo 87 de Diógenes Laércio escreve que “nossa vida não precisa de ideologia nem de hipóteses vazias, mas de ausência de perplexidade” (MARX, 2018 [1841], p.116). A expressão usada por ele, “não precisa de ideologia” (*Nicht der ideologie*) remonta o termo ἰδιολογίας⁶¹, traduzido aqui como “análise de ideias, que é uma variante textual que aparece no manuscrito BP¹Q ou BP¹Co menos usado pelos tradutores⁶². Os estabelecimentos consultados aqui, Hermann Usener e Graziano Arrighette, utilizam o termo ἀλογίας (irracionalidade ou não discursabilidade), presente no manuscrito FP³2F. Fato é, portanto, que é mais provável que Epicuro esteja rejeitando a “irracionalidade” das explicações míticas do que apenas discussão sobre “análises de ideias”, provavelmente próprias dos embates filosóficos.

Marx também aponta, como uma distinção própria da teoria dos meteoros, em relação as demais tentativas de explicação formuladas pelos gregos, a impossibilidade de explicação “simples” ou “única” (ἀπλῶς), como também não regular, mas que se deve buscar explicar os fenômenos celestes de forma “múltipla” (πολλαχῶς), rompendo, neste sentido, com as explicações científicas do seu tempo. O fato das explicações não serem míticas, como as inúmeras já conhecidas entre os gregos é, para Marx, um salto especulativo epicúreo, ou seja, deve-se ater à “evidência” (ἐνάργεια) e à “percepção sensível” (αἴσθησις). Portanto, “a pluralidade das explicações visa simultaneamente a suprimir a unidade do objeto” (MARX, 2018 [1841], p.119). Esta percepção é também apontada por Brun: “o que Epicuro procura é UMA explicação e não a explicação e, por isso, é que tantas vezes lhe sucede, como a Lucrécio, propor-nos várias, deixando-nos a cuidar de escolher aquela que nos convém” (BRUN, 1987, p. 23), ou seja, que melhor nos deixa em paz diante dos fenômenos.

As “opiniões acerca dos fenômenos celestes”, pois agora, depois de compreendermos a *não cientificidade* das questões concernentes aos corpos celestes, podemos falar assim sobre uma eventual “teoria dos meteoros” (*Lehre von den Meteoren*),

⁶⁰ Parmênides em DK 28 B1.30 usa a expressão “crença verdadeira” (πίστις ἀληθής) para expressar seu conceito mais importante, isto é, o Ser.

⁶¹ A origem deste termo se dá, provavelmente, pela junção dos termos “ἦδη” mais “ἀλογίας”, muito comum quando se faz os “cortes” entre os termos em um manuscrito uncial, isto é, escrito em maiúsculo e sem espaço entre as palavras.

⁶² Consultar ARRIGHETTI, Graziano, *Epicuro, Opere. Introduzione, testo critico, traduzione e note* (Classici della Filosofia, IV), Turin, Einaudi, 1960. 2nd ed., 1973 e USENER, Hermann. *Epicurea*. Leipzig: Teubneri. 1887.



como descreve Marx, e neste sentido penso não haver uma “teoria” ou um “sistema” (θεωρία) propriamente, mas sim um conjunto de “opiniões” (δοκεῖ), o que concorda com o uso do termo δοκεῖ. Estas opiniões são formuladas, sobretudo, contra as superstições dos homens comuns e contra a astronomia dos sacerdotes e poetas, uma vez que os *corpos celestes* devem ser compreendidos como sendo da mesma natureza que os *corpos compostos*, isto é, formados de átomos e vazio. A natureza dos corpos celestes não é divina, mas sim física e suas explicações são também físicas e atomistas, ou seja, devem-se extrair dos entes sensíveis para daí se inferir os “imperceptíveis” (ἄδεια). Ora, se algo é divino, nada mais justo serem os átomos em suas relações atômicas.

Na perspectiva de Marx, se o átomo é a matéria autônoma, “os corpos celestes são, portanto, os átomos que se tornaram reais” (MARX, 2018 [1841], p.122), ou seja, que evidenciam a unidade imperceptível. Ora, foi em sua doutrina sobre os meteoros que as contradições do sistema epicurista, ou seja, a relação entre forma e matéria, conceito e existência foram solucionadas. Marx entende a teoria dos meteoros de Epicuro como o “ponto alto e o ponto final de seu sistema” (Idem), onde é possível ser visualizado a existência efetiva do seu princípio. Portanto, se da existência efetiva se infere o átomo, e também o vazio, é na harmonia gravitacional dos astros em seus cursos pelo vazio que se demonstra o mundo atômico Epicúreo, segundo Marx:

Os corpos celestes são eternos e imutáveis; eles têm seu centro de gravidade dentro, e não fora, de si; seu único ato é o movimento e, separados pelo espaço vazio, eles declinam da linha reta, formam um sistema de repulsão e atração, no qual preservam igualmente sua autonomia e acabam gerando, de dentro de si mesmos, o tempo como a forma de sua manifestação. (MARX, 2018 [1841], p.122)

Por fim, a “autoconsciência individual-abstrata” (*abstrakt-einzelne Selbstbewußtsein*) é, portanto, o verdadeiro princípio de Epicuro segundo Marx, ou mesmo, a absolutidade e a liberdade da autoconsciência, a mesma que conduz o homem à “bastar-se a si” (αὐτάρκεια) e a sua “imperturbabilidade” (ἀταραξία). É a partir desta compreensão de si e da postura um tanto esclarecedora em relação aos deuses e os eventos celestes tomados como manifestações divinas que “o maior dos iluministas gregos” (MARX, 2018 [1841], p.122) é louvado por Lucrécio: “um grego foi o primeiro que ousou levantar contra ela [a religião] / Seus olhos mortais, o primeiro que se atreveu a resistir”⁶³. Ora, para

⁶³ LUCRÉCIO, *De rerum natura*, I, 67-68: “*Primum Grajus homo mortales tolere contra / Est oculos ausus, primusque obsistere contra*” (tradução de Nélio Schneider).



Epicuro, os corpos celestes em seus movimentos e transformações não devem perturbar o sábio, pois ele conhece suas possíveis causas e é este conhecimento, isto é, este conjunto de opiniões verdadeiras sobre os meteoros, que se manifesta redentoramente ou, como afirma Marx, como “a alma da filosofia da natureza de Epicuro” (MARX, 2018 [1841], p.124), pois esse conjunto de saberes cumpre seu papel na filosofia de Epicuro, qual seja, a dissolução dos temores da alma, fato ausente na filosofia de Demócrito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia de Epicuro, como a física atomista e a meteorologia, mas, sobretudo as doutrinas do *prazer* e da *vida feliz*, foi historicamente mal compreendida, e por isso, muito provavelmente, ficou séculos encerrada em bibliotecas, seus textos sem traduções e em grande parte proibidos de serem ensinados. Esta má compreensão e consequentemente sua marginalização já surge com os contemporâneos de Epicuro, que o acusava de todo tipo de vilipêndio. Foram os estóicos os primeiros a desferirem acusações contra Epicuro e seu jardim. Ao tempo de Diógenes Laércio essas calúnias já circulavam fortemente: “O estóico Diotimo, que o odiava, o caluniou de maneira muito intensas ao publicar cinquenta cartas escandalosas como sendo de Epicuro” (Diog. Laert., X, 31). Aos inúmeros ataques vilipendiosos desferidos pelos estóicos, dentre eles, além de Diótimos, também Poseidônios, Nicôlaos, Sotíon, Dionísios de Halicarnassôs (Diog. Laert., X, 4), não esquecendo de Cícero, contemporâneo de Lucrécio, que esboçava tendências estoicas e que também o acusava de “perfeito bárbaro” (CÍCERO, *De Finibus*, I, VI 21, 17, 17, 18). É esta mentalidade que predomina entre os escolásticos até ganhar vida novamente com as investigações de Pierre Gassendi que em 1647 e 1649 publicou, na cidade de Lyon, duas importantes obras *Sobre a vida, costumes e preceitos de Epicuro* (De vita, moribus, placitisque Epicuri) e *Observações ao décimo livro de Diógenes Laércio, que trata da vida, dos modos e proceder e dos preceitos de Epicuro* (Animadversiones in decimum librum Diogenis Laertii, qui est de vita, moribus, placitisque Epicuri)⁶⁴.

Marx, ao comparar as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro em sua *Tese* de doutoramento, presta um serviço de extrema importância para história da filosofia, pois,

⁶⁴ Consultamos aqui: GASSENDI, Pierre. *Vie et moeur d'Épicure*. (Vols. I e II). Traduction, introduction, annotations par Sylvie Taussing. Paris: Les Belles Lettres, 2006.



diferentemente de Hegel, que reafirma a não importância da filosofia e dos textos de Epicuro, desfaz também as inúmeras acusações contra sua filosofia e seu caráter humano. Epicuro e o período helenístico são vistos por Marx, além de uma forma de refutação da história idealista hegeliana, ou mesmo sua negação da religiosidade inerente ao idealismo absoluto ao citar, por exemplo, as palavras de Prometeu: “em uma palavra, odeio todos os deuses” (ἀπλῶ λόγῳ, τοὺς πάντας ἐχθαίρω θεοὺς, ÉSQUILO, *Prometeu acorrentado*, 975). Mas não só isso, Marx também desfaz as acusações contra Epicuro e mostra, em sua *Tese Doutoral*, a agudez filosófica e a originalidade de Epicuro em relação Demócrito. Epicuro é, para Marx, sem sombra de dúvida, um filósofo tão importante para tradição filosófica como Platão e Aristóteles, ao ponto de afirmar que “Gassendi aprendeu de Epicuro mais filosofia do que poderia nos ensinar sobre a filosofia de Epicuro” (MARX, 2018 [1841], p.21).

REFERÊNCIAS

- ARRIGHETTI, Graziano, *Epicuro*, Opere. *Introduzione, testo critico, traduzione e note* (Classici della Filosofia, IV), Turin, Einaudi, 1960. 2nd ed., 1973.
- BACON, Francis. **Novum Organum**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BALAUDE, Jean-François, “‘Accident d’accidents’: Epicure ou le temps maîtrisé”. **Philopsis: Revue numérique**. dimanche 26 janvier. 2014.
- BIGNONE, Ettore. **Epicuro**: opere, frammenti, testimonianze sulla sua vita, Bari: Gius. Laterza & Figli. 1920.
- BIGNONE, Ettore. **L’Aristotele perduto e la formazione filosofica di Epicuro**. Vol. 2, Firenze: La Nuova Italia, 1973.
- BOLLACK, Jean; BOLLACK, Mayotte; WISMANN, Heinz. **La lettre d’Épicure**. Les Éditions Minuit: Paris, 1971.
- BORNHEIM, Gerd A. (organizador) **Os Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo: Editora Cultrix. 1994.
- BROCHARD, Victor. **Os cétricos gregos**. Tradução: CONTE, Jaimir. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.
- BRUN, Jean. **O Epicurismo**. Tradução: PACHECO, Rui, Edições 70: Lisboa. 1987.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Sobre o Destino** (bilíngüe). Tradução e Notas: FILHO, José Rodrigues Seabra. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- DAMÁSIO, Marcos Roberto. Demócrito e Epicuro na Tese Doutoral (1841) de Marx. p. 81-115.**



COLLIN, Dinis. "Epicuro e a formação do pensamento de Karl Marx". **POLITEIA: Hist. e Soc.**, Vitória da Conquista, v. 6 n. 1 p. 15-27, 2006.

DIELS, H; Kranz, W. **Die Fragmente der Vorsokratiker** 6th ed. Berlin: Weidmann, 1951.

EPICURO, **Sentenças vaticanas**. Tradução: MORAES, João Quartim de. São Paulo: Edições Loyola. 2014.

FARRINGTON, Benjamin. **A doutrina de Epicuro**. Tradução: JORGE, Edmond. Zahar Editores: Rio de Janeiro. 1968.

FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Tradução: SERRÃO, Adriana Veríssimo. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2001.

FIGUEIRA, Markus, da Silva. **Epicuro: sabedoria e jardim**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.

G. S. Kirk; J. E. Raven; M. Schofield. **Os Filósofos Pré-socráticos**. 7 ed. Tradução: FONSECA, Carlos Alberto Louro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2010.

GABAUDE, Jean-Marc. **Le jeune Marx et le matérialisme antique**. Toulouse: Privat. 1970.

GASSENDI, Pierre. **Vie et moeur d'Épicure**. (Vols. I e II). Traduction, introduction, annotations par Sylvie Taussing. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

GIGANDET, Alain e MOREL, Pierre-Marie (Orgs). **Ler Epicuro e os Epicuristas**. Tradução: BINI, Edson. Edições Loyola: São Paulo. 2009.

GUAL, Carlos García. **Epicuro**. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

HEGEL, George W. F. **Lecciones sobre La historia de La filosofia**. V.1. Tradução: Wenceslao Roces. México: FCE. 1955.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 2 ed. Tradução: SANTOS, Manuela Pinto dos; MORUJÃO, Alexandre Fradique. Lisboa: Fundação Clouste Gulbenkian, 1989.

KARL, Marx. **Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro**. Tradução: SCHNEIDER, Nélio. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. **A sagrada família**. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e a de Epicuro**. Tradução: BINI, Edson; VENÂNCIO. São Paulo. Global Editora. 1979.

_____. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **Le matérialism dialectique**. Paris: Press Universitaires de France. 1974.

DAMÁSIO, Marcos Roberto. **Demócrito e Epicuro na Tese Doutoral (1841) de Marx**. p. 81-115.



LUCRÉCIO. Da Natureza. Tradução e notas: SILVA, Agostinho da. Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, M. Aurélio. São Paulo: Abril Cultural.

MORAES, João Quartim de. “A Linha Reta e o Infinito na Refundação Epicureana do Atomismo”. **Cad. Hist. Fil. Ci.**, Campinas, Série 3, v. 14, n. 1, p. 7-47, jan.-jun. 2004.

NOVACK, George. **As origens do materialismo**. São Paulo: Editora Sandermann. 2015.

PESCE, Domenico. **Introduzione a Epicuro**. Editori Laterza: Bari. 1981.

RÚA, José Luiz García. **El sentido de la naturaleza en Epicuro: Algunos aspectos del discurso físico epicúreo**. Granada: Editora Comares, 1996. p. 181.

SALEM, Jean. “Marx et l’atomisme ancien: la Dissertation de 1841”. **Annali Della Scuola Normale Superiore Di Pisa. Classe Di Lettere e Filosofia**, vol. 25, no. 4, 1995, pp. 1579–1604.

SERRES, Michel. **O nascimento da física no texto de Lucrecio: Correntes e turbulências**. Tradução: TREVISAN, Péricles. São Paulo: Editora UNESP; São Carlos: EdUFSCAR. 2003.

SPINELLI, Miguel. “Kant leitor de Epicuro”. **Studia Kantiana** Vol. 9, N. 11, 2011, 96-121.

SPINELLI, Miguel. **Epicuro e as bases do epicurismo**. 1ª ed. São Paulo: Editora Paulos. 2013.

USENER, Hermann. **Epicurea**. Leipzig: Teubneri. 1887.

